Ilustríssimo e Reverendíssimo
Dom Senhor Guilherme de Berges,
Arcebispo e Duque
de Cambrai,
Príncipe do Sacro Império Romano,
Conde de Cambrai.
Oh Deus, por muito tempo, nem com hesitação
de ânimo duvidoso, precisei
deliberar,
ó grande Prelado,
a cuja proteção este
meu pequeno presente eu ofereceria: a ti era devido.
Vês o argumento? É um assunto sagrado; e
tu és dos sagrados na própria província, na
qual estas ações são narradas, o chefe e
presidente."Presidente. Halle, e o templo, e a estátua sagrada nele, são da tua jurisdição e cuidado: e por direito, portanto, o que sobre eles escrevemos, em tua proteção e arbítrio igualmente damos. Que mais, que os próprios MILAGRES a censura e o teu tribunal esperam? Para que algo vão, fraudulento, fraco não se insinue, o teu juízo e tabela são buscados: a ti, então, vamos, e como a um Questionador arremessamos esta causa. Ora, se o esplendor ou fama à obra da ilustre prescrição do título é buscado: posso eu nome mais ínclito, do que dos GRIMBERGENSES, apresentar? Vós, outrora Duques de Brabante, e logo Marqueses de Berges, vós, às nobilíssimas famílias ligados, o lugar e a luz entre os líderes Belgas sempre mantivestes. Mas a tua luz também te [ilumina]: cujos dotes de ânimo e virtudes" . "… logo manifestaste aquelas qualidades pelas quais ilustrarias até mesmo uma família e fama obscuras. Conduzido por Deus aos sagrados deveres, e tendo visto Roma e a Itália, escolheste Liège na cidade dos Eburões como tua sede: e ali agiste de tal forma que demonstraste com tua voz e ações um exemplo de probidade, castidade, modesta seriedade. Essas mesmas qualidades imediatamente te exaltaram, e te designaram o primeiro lugar no antigo e venerável colégio com o título de Decano. Nós te vimos nesta dignidade, no amor e veneração de todos: e a verdade e os méritos, não a simulação ou adulação, concederam-na. Mas não te vimos por muito tempo: e logo tua fama se espalhou, e Filipe II, rei das Espanhas, te chamou para Antuérpia, para a dignidade episcopal: à qual aceitaste, e ocupaste a sé. Tanto mais digno sempre foste considerado, quanto mais tempo governaste. Enfim, também grande também aquela Antuérpia, considerada estreita para o Rei e os Príncipes: Cambrai te promoveu: onde agora sustentas a primária dignidade, com favor, louvor, aplausos, incutindo em todos um suave, mas ainda assim respeitoso temor. Eis as causas da minha dedicação, mas públicas: devo acrescentar uma privada? Outrora, quando estavas em Liège, fomos unidos por conhecimento e costume, e antes que fosses contado entre os Príncipes, éramos chamados amigos. Estas coisas me impeliram a enviar um escrito sagrado, e que eu amo entre os meus pelo argumento, para ti como testemunho de culto e afeto: recebe-o Ilustríssimo e Reverendíssimo Prelado, e se não pelo meu engenho ou trabalho, ama-o pela mesma causa. Lovaina, nos Idos de Julho, 1604.".

Aqui está a tradução do trecho para o português brasileiro:

LEITOR.
Escrevi estas coisas: Certamente a verdade está diante dos olhos da alma cristã, e, no entanto, eles clamam:
"Por que invades territórios alheios? Por que propagas estas coisas vãs ou elevas o que é supérfluo acima da verdade?"

A resposta a ambos deve ser breve:
Ao primeiro, respondo: Ó cristão, o que há de estranho se eu não adoro, mas honro o Nome Sagrado? Convém a nós, de fato, agradecer e proclamar seus louvores, especialmente divulgar suas obras maravilhosas e grandiosas. Isso é o que fiz aqui.

Pois Deus quis realizar coisas memoráveis e admiráveis por meio da Virgem Mãe, e eu as narro. Mas não entrei em discussões sutis ou questões refinadas sobre religião.

Portanto, permaneci dentro dos meus próprios limites e cultivei apenas o campo do meu título e inscrição, isto é, escrevi uma história.

Mas dizem alguns que ela é vã ou enfeitada. Oh, incrédulos, como se enganam! Não há falsidade nem artifício em minhas palavras.

Li os **Atos Régios** e, deles, selecionei apenas o que me pareceu mais digno de ser divulgado.

Não acreditam nos documentos? Eles foram realizados diante dos olhos de muitos, confirmados por testemunhas, muitas vezes autenticados com os selos das autoridades.

E o mais importante: nossos antepassados compilaram esses **Atos**, homens de profunda religiosidade, que nasceram antes desta doutrina que agora rejeita os deuses.

Dúvidam da minha fé? Que enviem seus próprios investigadores, se não acreditam. Aliás, que enviem para que possam acreditar. Eles encontrarão a verdade, por mais filósofos que sejam, mesmo que fossem um novo Platão.

Prefácio

Digo isso desde o início: se alguém se enfurece, que se acalme; se alguém resiste, que ceda; pois a grandeza e a dignidade dos eventos relatados prevalecerão.

Eles não deveriam ser caminhos de entrada para a fé? Se nem mesmo isso os move, então, como diria Homero, pelo menos que sejam obrigados a reconhecer a verdade.

Declaro, e afirmo com convicção, que os **Atos** foram escritos e autenticados. Conto com a ajuda de Hubert Miraeus, um homem de grande erudição, cônego de Antuérpia, e de Johannes Hovius, ilustre magistrado da mesma cidade.

Dou graças a eles: pois confiei no relato sem remover ou adicionar nada, apenas organizando e estruturando o material com zelo, para que o discurso fosse elevado e animado.

Confesso que este trabalho me foi fácil e que não levei mais de dez dias para concluí-lo. Pois amo tanto esta matéria que seria fácil aumentar seu conteúdo, mas a substância já brilha por si só.

Oferecer um favor a quem já é favorecido é tarefa ingrata. Devemos sempre lembrar das palavras de Eurípides:

"Odeio os curiosos que tentam penetrar até mesmo nos mistérios sagrados, aqueles que escalam onde não deveriam."

Que você, no entanto, suba de outra forma, e que Deus e a Divindade lhe concedam sucesso, junto comigo.

I. Lipsius

A DIVINA VIRGEM DE HALLE

Capítulo I

Nosso afeto e devoção a Deus; viagem a Halle e motivo deste escrito.

Desde minha juventude, fui imbuído do amor e da devoção à **Divina Virgem** e a escolhi como minha padroeira e guia nos perigos, nas dificuldades e em toda a jornada da minha vida.

Também nos estudos, e sempre que havia algo a ser escrito com mais esmero ou dito publicamente—quando a fama ou a memória de grandes feitos estava em jogo—, confesso que me voltava a ela com preces e votos. E quase sempre com sucesso.

Por isso, assim que tive oportunidade, inscrevi-me na sua **Confraria**, algo bastante comum e respeitável tanto entre os **Eburões** quanto nesta cidade. Essa confraria é conduzida e dirigida pelos **Padres da Companhia de Jesus**.

Movido por essa mesma devoção, há muito tempo desejei ir a **Halle**, e finalmente fui. Esse é um lugar de grande renome entre nós e entre os estrangeiros, célebre por seu **santuário** e pelos inúmeros milagres que a **Santa Padroeira** ali realiza há muitos anos.

Mas quando cheguei e entrei no templo, comecei a rezar. Senti-me tomado por uma alegria tremulante, misturada com um profundo senso de reverência. Meu corpo e minha alma foram tomados por uma emoção intensa, e era evidente que ali estava a **Presença Divina**, perceptível até mesmo para as mentes mais ignorantes.

Minhas preces foram breves (pois já era noite), e, no dia seguinte, assisti devidamente às cerimônias sagradas. Depois disso, comecei a lançar meus olhos com avidez ao redor: para o próprio altar, para o restante da capela, para os quadros, as oferendas e os inúmeros testemunhos da **potência divina e da piedade humana** ali reunidos.

Por toda parte havia **milagres maravilhosos**, acima da compreensão e da fé dos homens, além das próprias leis da natureza. E, entre tantas maravilhas, surpreendeu-me o fato de

que ainda não houvesse alguém que as reunisse por escrito, para **propagar a glória de Deus e da Virgem**.

Confesso que fui tomado por um forte desejo: um desejo que logo transformei em voto solene. Decidi investigar, reunir e escrever tudo o que se referia a esse tema.

Com essa ideia em mente, voltei ao meu alojamento. Logo depois, registrei meus sentimentos e minha admiração em versos, louvando a **Divina Virgem** e expressando minha intenção de narrar esses eventos.

Eis esses versos:

Ode à Divina Virgem de Halle

(**Ao vê-la novamente, de longe, e venerá-la**)

Aonde vim? Em que lugar estou?
Será que te vejo, ó **Divina**?
Será que és tu, presente aqui,
A ouvir minha prece?

Oh! Quantas vezes me consumiu o ardor,
Ansiando esta luz sagrada!
Por essa luz que tantas vezes invoquei,
Agora estou aqui, feliz e abençoado.

Com lágrimas, consagro meu corpo e alma,
Dedicando-me inteiramente a Ti.

Recebe-me, ó **Mãe**,
E acolhe teu servo fiel.
Liberta minha língua e solta meus lábios,
Para que possam proclamar tuas maravilhas.

Mas o que posso dizer digno de Ti,
Ó **Deusa**, ó **Virgem Santa**?
Tu, que és **Mãe do Altíssimo**,
A quem o próprio **Deus infinito**
Chamou de **Mãe Sua**.

Oh, mistério sublime!
Que assombra a terra e maravilha os céus.

Aquele que criou todas as coisas com uma palavra,
Depositou essa mesma **Palavra** em teu seio.
E assim, do teu sagrado ventre,
Nasceu como Filho.

Dá-me, ó Pai, as flores sagradas,
Dá-me as honras da humildade,
Para que eu possa espalhá-las
E delas me alimentar em devoção.

Não há muito mais a dizer,
Pois até mesmo o silêncio te proclama,
Tu, cuja glória supera a dos homens,
Tu, que és venerada até pelos anjos.

CAPÍTULO II

Origem da imagem da Virgem, vinda de Santa Isabel; sobre sua linhagem, seu nascimento e sua consagração.

Deixarei, então, de apenas louvar-te e começarei a narrar.
Escreverei sobre tuas obras maravilhosas,
E que essas palavras possam ecoar
Até os confins mais distantes da terra!

Começarei desde o princípio,
Falando sobre a origem desta **imagem sagrada**
E como foi trazida para este lugar.
Depois, relatarei os benefícios que concedeste,
Os milagres inesperados e os fatos
Que só podem ser atribuídos ao **poder divino**.

Ó **Divina Virgem**, que contemplo em minha alma como se estivesses presente,
Concede-me a graça de cumprir,
Com piedade e devoção,
Este propósito sagrado que estabeleci.

Cumprirei este propósito,
Para propagar teu nome e teu culto,
Para aumentar a piedade e a santidade entre os fiéis.
Estes dois objetivos, confesso, são o propósito desta obra.

André II, rei da **Hungria** (cujo território abrangia, naquela época, grande parte da **Panônia** e da **Dácia**), governou no ano de 1201. Sua esposa foi **Gertrudes**, filha do duque de **Merânia, Caríntia e Ístria**.

Vale a pena notar que sua irmã, **Hedwig**, casou-se com Henrique Barbudo, príncipe da **Silésia e da Polônia**. Ela se destacou tanto por sua piedade que foi canonizada e incluída no número dos **santos**. Faleceu no ano de 1243, muito tempo depois de sua sobrinha **Isabel**, de quem falaremos mais adiante.

André II teve quatro filhos com sua esposa Gertrudes: **Bela, Colomano, André e Isabel**. Os dois primeiros não são relevantes para nossa narrativa. O terceiro, **André**, por ser o filho mais novo, não herdou o trono. Por isso, **viajou para a Itália e para Veneza**, em busca de fortuna para si e para seus descendentes. Lá, casou-se com uma mulher de grande riqueza e se estabeleceu.

Seu filho, **Marcos**, acumulou muitas riquezas e, em busca de mais honrarias, **mudou-se para a França**, que então era um reino próspero. Lá, encontrou um casamento digno de sua linhagem real e teve descendentes, fundando a ilustre **família Croy**, que ainda hoje floresce com riquezas e prestígio.

A essa família está ligada a grande honra da **Santa Isabel**, irmã de André e filha do rei André II. Sua história é de extrema importância para o nosso relato.

Portanto, essas informações precisavam ser apresentadas antes de prosseguirmos.

Quando ainda era apenas uma **criança de três anos**, Isabel foi prometida em casamento a **Ludovico**, filho de **Hermann**, **landgrave da Turíngia e da Hesse**. Enviaram-se embaixadores de ambas as partes para acertar o noivado, pois **Ludovico** se destacava entre os poderosos da **Alemanha** e sua linhagem remontava ao **imperador Carlos Magno**.

No ano seguinte, **aos quatro anos de idade**, Isabel foi levada para a **Turíngia**, onde cresceu e foi educada sob os olhos e os cuidados dos pais de seu futuro marido.

Seria longo descrever todos os sinais de sua **santidade**, mas vale ressaltar que, em todas as fases de sua vida — **menina, esposa e viúva** —, foi celebrada por sua **extraordinária piedade**. Por essa razão, pintores e escultores costumam representá-la com uma **tríplice coroa**, simbolizando sua excelência em cada um desses papéis.

Já crescida e pronta para o casamento, Isabel **desposou Ludovico aos quatorze anos**. No segundo ano de matrimônio, deu à luz **Hermanno**, seu **primeiro e único filho homem**. Dois anos depois, teve uma filha, **Sofia**, que mais tarde se casaria com o **Duque de Brabante**, como relatarei. Mais dois anos se passaram, e ela teve outra filha, **Sofia**, que, inspirada pelos ensinamentos e exemplo da mãe, **renunciou às coisas terrenas** e se entregou à vida religiosa, entrando para um convento de **virgens consagradas em Kitzingen, na Francônia**.

Essa informação foi encontrada nos **Anais de Erfurt**, registros considerados fidedignos. No entanto, em algumas outras fontes, essa filha não é chamada **Sofia**, mas sim **Gertrudes**, e igualmente menciona-se sua **consagração virginal**.

Os filhos que teve e seu marido não sobreviveram por muito tempo. Ludovico, movido por um **fervor militar e religioso**, partiu em **1227** para acompanhar o imperador **Frederico II** na expedição à **Terra Santa**. No entanto, jamais chegou ao seu destino, pois, ao chegar a **Otranto, na Apúlia**, foi acometido por uma febre e faleceu.

Algumas fontes afirmam que foi **envenenado**, embora a maioria concorde que tenha morrido por causas naturais. Também há relatos de que faleceu na **Sicília**, o que pode ter

ocorrido por um equívoco, pois, na época, a **Apúlia e o Reino de Nápoles** eram frequentemente chamados de **Sicília**.

Ainda há aqueles que afirmam que ele morreu já na **Terra Santa**, mas isso parece ser um erro. Seu corpo e seus restos mortais foram posteriormente levados a **Santa Isabel**, que já enfrentava grandes dificuldades.

Isso porque, assim que chegaram as notícias da morte de Ludovico, seu **irmão Henrique**, aproveitando a menoridade do jovem **Hermann**, filho de Isabel, **usurpou o governo** e confiscou seus bens.

A própria Isabel foi **expulsa** de sua residência com os filhos pequenos, sem dinheiro ou recursos. Vagou em busca de abrigo e, temendo o poder do cunhado, **mal conseguiu encontrar refúgio**.

Com muito sofrimento, **vagou sozinha, em meio ao frio e à miséria**, até encontrar **abrigo na região de Hesse**.

Renunciando à vida mundana, **dedicou-se inteiramente à caridade** sob a orientação do piedoso **Conrado de Marburgo**. Passou seus dias **cuidando dos pobres e dos doentes**.

Ela morreu jovem, **com apenas 24 anos**, no ano **1231**.

Quatro anos depois, **em 1235**, o Papa **Gregório IX** a canonizou oficialmente. Seu túmulo tornou-se um lugar de peregrinação, onde **inúmeros milagres ocorreram**.

Em sua honra, o próprio **imperador Frederico II** assistiu à trasladação de seu corpo para uma urna de ouro, junto com os arcebispos de **Mogúncia, Colônia e Bremen** e uma multidão de fiéis.

Durante a cerimônia, **um óleo milagroso começou a jorrar de seu corpo**, sinal da graça divina. O imperador **colocou uma coroa de ouro sobre seu túmulo** como sinal de reverência.

E eu, ó Santa, rendo-te humildes louvores e orações!

CAPÍTULO III

Sobre Sofia, filha de Isabel, seu casamento em Brabante, seus filhos e como ela dedicou a estátua sagrada de Halle

Como mencionei antes, **Isabel teve um filho chamado Hermann**, mas ele não viveu por muito tempo. Quando tinha cerca de **18 anos**, casou-se, mas logo após o casamento **faleceu repentinamente**. Segundo um rumor amplamente difundido, **ele teria sido envenenado** por uma nobre chamada **Berchta de Seeburg**, por razões incertas – talvez por amor ou ódio, por sua própria iniciativa ou por ordem de terceiros.

Com sua morte, ele deixou apenas uma irmã, **Sofia**, sobre quem já mencionei brevemente e de quem agora falarei com mais detalhes. Isso é importante tanto por sua relação com

Brabante, onde se casou, quanto pelo fato de que sua história está diretamente conectada à **sagrada estátua de Halle**.

Naquela época, o governante de Brabante era **Henrique II**, chamado **"o Bom"**. Ele havia sido casado, em suas primeiras núpcias, com **Maria de Suábia**, filha do imperador **Filipe da Germânia**. Dessa união, nasceu **Henrique III**, conhecido como **"o Magnânimo"**, pois era costume entre nós dar aos príncipes títulos distintos para honrá-los.

Esse Henrique III e seus descendentes governaram **nosso principado** até que, com o fim da linhagem masculina direta, o poder foi transferido para a **família da Borgonha** por meio de **casamento com Margarida**.

Essa Margarida, neta de **Joana III**, casou-se com **Filipe, o Audaz**, que foi **o primeiro duque da Borgonha** de sua linhagem.

Assim, após **Maria de Suábia**, a primeira esposa de **Henrique II**, ter falecido, ele se casou novamente com **Sofia, filha de Isabel**. Ela era reconhecida tanto pela nobreza de seu sangue quanto pela piedade herdada de sua mãe. Dessa união nasceu **Henrique**, conhecido como **o Brabantino**.

Por não herdar o ducado paterno, que passou ao seu irmão mais velho por direito de primogenitura, **Henrique Brabantino** voltou seus olhos para os principados da **Turíngia e da Hesse**, confiando tanto em seu direito materno quanto no prestígio que a memória da **Santa Isabel** e sua própria reputação ainda tinham naquela região.

No entanto, ao falecer **Hermann**, irmão de **Sofia**, que possuía legitimamente aquele direito, **o principado passou para Henrique, irmão de Luís** (da família de Hermann), em vez de ser concedido a **Henrique Brabantino**. Ele manteve o domínio enquanto viveu, consolidando sua influência com o apoio do Papa **Inocêncio IV** e do **rei dos Romanos**, que foi eleito em oposição a **Conrado, filho de Frederico II**.

Henrique obteve uma vitória significativa na batalha de **Frankfurt**, demonstrando sua grande coragem e ambição. No entanto, o destino foi implacável e ele faleceu **um ano após sua eleição**, sem deixar filhos.

Esse evento reacendeu a disputa pelos direitos sobre o principado. Assim, muitos defensores chamaram **Henrique Brabantino** para Turíngia, enquanto seus oponentes apoiavam **Henrique, marquês da Marca de Meissen e da Terra Oriental**, que era filho da irmã do falecido **Henrique, rei dos Romanos**. **Sofia defendia o direito legítimo da antiga linhagem**, enquanto **Henrique de Meissen apresentava um novo título de reivindicação**.

Por fim, depois de várias tentativas fracassadas de alcançar um acordo pacífico, a disputa foi resolvida pelas armas. O conflito terminou com um acordo de partilha: **a Turíngia permaneceu com o marquês de Meissen, enquanto Hesse foi cedida a Henrique Brabantino**. Esse arranjo se manteve para as gerações futuras, e a dinastia **Landgraviato de Hesse**, que persiste até os dias de hoje, deve sua origem a **Henrique e sua mãe Sofia**, além de ser herdeira da piedade da **Santa Isabel**.

Mas deixemos agora essas histórias relacionadas e voltemos ao nosso tema principal, para o qual essas informações foram apresentadas como contexto e base de fé.

Sofia, seguindo o exemplo de sua mãe em piedade e devoção, tornou-se especialmente dedicada ao culto da **Virgem Santíssima**. Acredita-se que ela tenha recebido algumas estátuas de sua mãe, que guardou com grande zelo e reverência. Uma dessas imagens foi doada e dedicada por ela ao convento de **Vilvoorde**, um mosteiro de **virgens religiosas**, onde se tornou célebre por milagres antigos e recentes.

Essa estátua passou a ser conhecida como a **"Divina Consoladora"**, pois muitas pessoas aflitas, tanto em corpo quanto em espírito, encontravam ali cura e alívio para seus sofrimentos.

Outras três estátuas foram doadas por **Sofia** a **Matilde, irmã do duque Henrique**, seu marido. **Matilde**, em seu segundo casamento, uniu-se a **Florêncio III, conde da Holanda e Zelândia**. Dessa união nasceu **Guilherme II**, que se tornou uma figura ilustre e foi eleito **Rei dos Romanos** em meio a disputas sucessórias.

Acredita-se, portanto, que **Matilde** tenha recebido essas relíquias diretamente de **Sofia**, o que faz mais sentido historicamente do que a hipótese de que teriam vindo diretamente de **Santa Isabel**, que já havia falecido há muito tempo e dificilmente teria feito tal doação.

A razão para a doação dessas estátuas, ou qualquer conhecimento mais detalhado sobre sua origem, pode não estar claramente documentada, especialmente considerando as grandes distâncias envolvidas entre os locais onde elas foram distribuídas. No entanto, independentemente de como as tenha obtido, **Sofia as possuía, venerava e, ao se aproximar da morte, as distribuiu e designou a cada uma seu devido destino**.

Ela destinou uma das imagens à cidade de **Grave**, uma antiga localidade da Holanda, próxima ao mosteiro de **Loosduinen**, o qual **ela mesma havia fundado** e onde passou sua vida em **castidade e piedade após a morte de seu marido**.

Outra imagem foi enviada para **Haarlem**, onde foi guardada no santuário dos **Carmelitas**.

Por fim, **a terceira estátua foi enviada para Hainaut, na atual Bélgica**, onde foi instalada por sua ordem ou desejo.

Mas por que **Hainaut** e por que fora da região dos Países Baixos?

Acredito que a razão esteja no fato de que, entre outros filhos gerados de seu casamento com **Florêncio III**, Sofia teve uma filha chamada **Adelaide**, que se casou com **João de Avesnes, conde de Hainaut**. Assim, **ela presenteou sua filha e seus descendentes com essa relíquia sagrada**, elevando assim o prestígio espiritual de sua linhagem.

Esse evento ocorreu no ano de **1267**, quando **Matilde faleceu**.

Acrescento, incidentalmente, que sua filha foi **Mechtilde**, que se casou com um **conde de Henneberg** e que, segundo consta, deu à luz impressionantes **364 filhos em um único parto**, todos batizados pelo bispo **Otão de Utrecht**. Embora esse fato se assemelhe mais a

uma lenda do que à história real, os **anais históricos** registram consistentemente esse evento extraordinário.

CAPÍTULO IV

Algo sobre a cidade de Halle e seu templo

Assim, esta **é a imagem que veneramos hoje em Halle**, cuja origem já mencionamos. Agora, para os estrangeiros, faremos uma breve descrição deste local e sua cidade.

Halle está localizada nos limites do **Condado de Hainaut**, onde faz fronteira com **Brabante**, a cerca de **três milhas de Bruxelas**.

A cidade em si é **pequena** e **não se destaca por suas construções ou arquitetura imponente**, mas **sua santidade é suficiente para ser sua defesa e ornamento**.

A região ao redor, no entanto, **é fértil e produtiva**, com planícies **ricas em pastagens e campos agrícolas**, atravessadas pelo **rio Zenne**, que também corta a própria cidade. Esse rio, reforçado por outros córregos e afluentes, deságua em **Bruxelas**, permitindo **a navegação de embarcações tanto dentro quanto fora da cidade**.

O nome **Halle** vem de **"proteção" ou "refúgio"**, assim como outras cidades chamadas **Hall** ou **Halla**, que existem em diversas regiões. De fato, em muitos lugares, chamamos de "halles" os edifícios **destinados à proteção de mercadorias ou pessoas contra as intempéries** — uma palavra que, com uma pequena variação, pode se transformar em **"sale"**.

Essa palavra é **comumente usada pelos franceses e por nós**, referindo-se a um local **onde as pessoas se reúnem e se mantêm seguras e abrigadas**.

Também há um lugar chamado **Halle em Lovaina**, que era originalmente **um centro de tecelagem e refúgio para os lanifícios e os trabalhadores da lã**. No entanto, esse local foi mais tarde **consagrado a um propósito mais nobre**, sendo transformado em **um centro de estudo e ensino das artes e ciências**, onde diariamente **mestres e discípulos se dedicam ao aprendizado e ao trabalho intelectual**.

Sobre o nome Halle e sua origem

Existem **cidades chamadas Halle também na Saxônia e no Tirol**, próximas ao **rio Inn**. Essas localidades receberam esse nome por sua **ligação com o sal** (do latim *sal*), pois eram conhecidas pela **extração e conservação do sal**.

De fato, **o que é mais essencial do que o sal para a preservação?** Antigamente, os **gregos e nossos ancestrais chamavam o sal de "Hals" ou "Halt"**, e posteriormente essa palavra se modificou para **"Salt"**, dando origem ao latim **"Sal"**.

Não sei exatamente **quando nossa cidade foi fundada**, mas é evidente que possui **uma longa história**. Além disso, conta com **uma fortaleza**, que no passado **foi a residência dos senhores feudais da região** — ou talvez tenha sido **um antigo palácio de justiça**.

Diz-se que **Filipe, o Audaz**, o mesmo que **uniu Flandres e Brabante**, viveu por algum tempo aqui e até faleceu neste local. Embora o historiador Froissart afirme que ele **não morreu no castelo, mas em uma hospedaria chamada "O Cervo"** (que ainda existe e mantém seu brasão), seu falecimento ocorreu em **1404**.

O templo e a veneração da Virgem

Há uma **igreja na cidade**, situada **próxima à praça central**, **de construção muito elegante**. Ao entrar, à esquerda, há uma **capela e um altar**, e acima dele, encontra-se **a estátua da Virgem Maria**, sobre a qual falamos e continuaremos a falar.

A **capela é pequena**, mas ricamente adornada com **ofertas votivas e quadros**, criando um ambiente **profundamente religioso** que **toca a alma dos que entram ali, mesmo sem saber explicar por quê**.

Desde tempos antigos até hoje, há **peregrinações de todas as partes**, até mesmo **de regiões distantes**, alcançando praticamente **os limites do mundo cristão**.

E por que não? **Milagres têm acontecido aqui frequentemente**, e **ainda acontecem**. Que os **justos se alegrem e deem graças**, enquanto os **ímpios invejam e caluniam**.

Capítulo V

Milagres e Suas Diferenças: Três Critérios Segundo a Fé

Mas o que importa se caluniam? **Não há prova mais certa da divindade do que os MILAGRES**, pelos quais **o próprio Deus, feito homem, confirmou e manifestou sua identidade**, realizando-os de maneira **pública e notória**.

Reconheço que existem **espíritos e entidades** que, por **zombaria ou engano**, realizam **certos prodígios semelhantes**. No entanto, **o que fazem são apenas imitações** e podem ser distinguidos **por sinais claros e inequívocos**.

Vou explicar isso, para que possamos **confirmar a autenticidade de nossos milagres** e também **levantar um escudo contra as calúnias dos ímpios e incrédulos**.

Os milagres verdadeiros se diferenciam dos falsos **por três critérios fundamentais**:

1. **Grandeza** (*Magnitudo*):
    - Os milagres autênticos **não são pequenos ou triviais**, mas sim eventos que **superam a opinião, os sentidos e as próprias leis da natureza**.
    - Eles ocorrem de forma **tão extraordinária que a própria natureza só poderia concedê-los por ordem do seu Criador**.
    - Não leste como os **magos e encantadores do Egito foram derrotados por Moisés, sob o julgamento do próprio Faraó?**
2. **Finalidade** (*Finis*):

- Milagres verdadeiros sempre possuem **um propósito divino e justo**, em contraste com meros truques ou enganos.
3. **Fé** (*Fides*):

    - O verdadeiro milagre **leva as pessoas à fé e à conversão**.
    - Já os prodígios falsos ou enganosos podem **gerar confusão e ilusões**, mas nunca trazem **santidade ou verdadeira devoção**.

Os **espíritos enganadores** (sejam **aéreos, terrenos ou infernais**) podem, às vezes, apresentar **alguns fenômenos ilusórios Os espíritos enganadores realizam algumas manifestações, mas apenas pequenos truques, que podem ser desmascarados quando comparados aos verdadeiros milagres divinos.**

Vejamos exemplos das Sagradas Escrituras:

- **No Antigo Testamento, milhares de pessoas atravessaram o mar dividido ao meio, caminhando por terra seca.**
- **No deserto árido e seco, ao simples toque de um cajado, brotaram torrentes de água de uma rocha.**

Quem não vê a grandiosidade desses feitos? O mar se afastando, a água brotando da pedra — de onde viriam tais maravilhas, senão da própria Divindade?

- **Que os magos e feiticeiros se reúnam todos, e jamais conseguirão fazer o mesmo, pois seus truques são apenas ilusões passageiras, sem nenhum verdadeiro poder.**

O mesmo acontece no Novo Testamento e nos dias de hoje, onde milagres ainda são realizados entre nós.

Não estamos falando de pequenos truques, como:

- **Um barco movido contra a correnteza por uma simples fita amarrada à cintura de uma mulher;**
- **Água sendo transportada em uma peneira sem derramar;**
- **Uma simples barba de cobre se tornando flexível ao toque;**
- **Ou uma pedra de amolar sendo cortada por uma navalha.**

Essas são coisas insignificantes, truques de espíritos menores, que nada têm a ver com os milagres verdadeiros.

Mas o que nós testemunhamos?

- **Coxos andando;**
- **Cegos enxergando;**
- **Enfermos sendo curados;**
- **Mortos ressuscitando e voltando à verdadeira luz da vida.**

O próprio Cristo e seus seguidores demonstraram e continuam demonstrando poder sobre os elementos, sobre os seres inanimados e sobre a própria natureza.

Agora, passemos ao segundo critério de distinção entre milagres verdadeiros e falsos: o propósito (*Finis*).

- **Alguns grandes prodígios são realizados por homens profanos e perversos.**
- **Mas há uma diferença fundamental: o propósito pelo qual são feitos.**
- **Os falsos milagres são realizados por engano, por diversão ou por malícia.**
- **Os milagres autênticos são realizados para um propósito útil e para a salvação das almas.**

Os feiticeiros, ilusionistas e trapaceiros nada fazem além de enganar os olhos com ilusões passageiras Os ilusionistas e trapaceiros enganam os olhos e os sentidos, proporcionando um breve momento de diversão com suas fraudes e artimanhas.

- **Os magos, encantadores e feiticeiros têm um objetivo claro: causar dano e levar as pessoas ao culto dos demônios, cuja ajuda e conselho eles invocam para realizar seus feitos.**
- **Por isso, essa também é uma marca distintiva: os verdadeiros milagres conduzem ao Deus verdadeiro e único, enquanto os falsos milagres levam a falsos deuses e ídolos.**

O Terceiro Critério de Distinção: A Fé

Este critério pode ser analisado de duas formas:

1. **Falsos milagres são muitas vezes fruto da superstição e do medo**

    - **O próprio Tito Lívio (*historiador romano*) admite que, em tempos de crise, muitas ilusões e fraudes foram aceitas como verdadeiras apenas pelo desespero das pessoas.**
    - **A natureza humana, propensa à superstição, aceita essas coisas facilmente, enquanto os espíritos enganadores as apresentam e instigam ainda mais.**
2. **Os falsos milagres muitas vezes não são reais, mas apenas ilusões passageiras**

    - **Às vezes, parecem curar doenças, cegueiras e outras aflições corporais.**
    - **Mas só parecem.**
        - **Isso ocorre porque foram os próprios espíritos enganadores que causaram o mal, apenas para fingirem depois que o curaram.**
        - **Ou, caso a melhora seja real, não dura muito tempo e logo o problema retorna, muitas vezes ainda pior (*como bem sabemos*).**

Os verdadeiros milagres, no entanto, são diferentes:

- **Eles são registrados nas Sagradas Escrituras, que não podem mentir, pois foram escritas pelo próprio Deus através de seus profetas.**
- **Eles são atestados por testemunhas confiáveis e não podem ser facilmente questionados ou refutados.**

- **E, acima de tudo, eles são duradouros e perfeitos — uma vez realizados, não se desfazem nem se contradizem.**

E mesmo assim Os feitos dos espíritos menores (*genii*) podem parecer incríveis, como parar um rio, provocar chuvas ou prever o futuro. Mas, no fim, não levam a mente humana a reconhecer o poder do Deus onipotente, que permite ou realiza essas mesmas coisas?

Se até esses espíritos criados podem fazer tais prodígios, quanto maiores seriam os feitos do próprio Criador e Senhor de tudo?

A Diferença Entre os Milagres de Deus e os de Sua Mãe e dos Santos

Alguém poderia perguntar:

> **"Mas por que Deus não realiza esses milagres diretamente em Seu próprio nome?**
> **E por que são feitos com mais frequência e com maior número em nome dos santos e, mais do que todos, de Sua Mãe?"**

A isso, respondo com Santo Agostinho:

> **"Hoje não há necessidade de Deus provar Sua existência com milagres."**
> **"O verdadeiro milagre, nestes tempos, é que alguém possa não crer, mesmo com o mundo inteiro crendo."**

Ou seja, os milagres eram necessários no começo para confirmar a fé, mas agora, com a fé já espalhada, eles são menos comuns diretamente no nome de Deus.

Mas e os Milagres dos Santos e de Maria?

No caso dos santos, a situação é diferente, porque:

- **Muitos cristãos professos ainda rejeitam o culto e a veneração de santos.**
- **Alguns tentam diminuir a honra de Maria e obscurecer seu papel.**
- **Portanto, é justo que Deus manifeste milagres em nome deles para confirmar sua dignidade.**

E, de fato, ninguém pode negar que, hoje em dia, entre todas as devoções, a Virgem Maria é aquela em que mais milagres acontecem e são testemunhados.

Capítulo VI

Os Milagres em Nossa Cidade, no Templo e na Estátua

Vamos agora considerar os milagres em nossa própria cidade, relatando fielmente o que foi extraído de arquivos e monumentos.

Não queremos exagerar nada—antes, preferimos omitir algo a inventar.

Por quê?

Porque, no passado, por simples descuido ou falta de preocupação, muitos milagres não foram registrados por escrito, mesmo aqueles realizados em pessoas ilustres.

O que nos faz acreditar que esses milagres realmente aconteceram?

O simples fato de que essa devoção cresceu tanto ao longo dos séculos, algo impossível sem um grande número de graças e milagres que a tenham confirmado.

No entanto, poucos registros existem antes do ano 400—e alguns relatos que chegaram até nós não trazem data precisa.

Milagres Esquecidos

Podemos lamentar isso—ou mesmo ficar indignados! Mas isso não é incomum.

> **Santo Agostinho já escreveu, em sua época de grande cultura e erudição, que muitos feitos memoráveis dos mártires se perderam, seja por esquecimento ou descuido, e que até mesmo a cidade de Cartago havia deixado de lembrar certos fatos importantes de sua própria história cristã.**

O mesmo aconteceu em nossa cidade de Halle (Hallis nostris).

Por isso, devemos ser compreensivos com a simplicidade das gerações anteriores, que se contentavam com o benefício direto dos milagres sem se preocuparem em registrá-los.

Algo Incomum na Estátua

> **Agora, um primeiro ponto a ser observado:**

A própria estátua da Virgem parece ter algo de extraordinário.

- **Não é muito grande (cerca de dois pés de altura, ou seja, cerca de 60 cm).**
- **É feita de madeira, mas não de madeira nobre ou tratada artificialmente.**

A Estátua sobreviveu a Séculos e Perigos

A estátua permaneceu intacta ao longo de muitos séculos, sem ser afetada pela destruição ou deterioração.

Mesmo em tempos de incêndios, que atingiram a cidade várias vezes (inclusive na memória dos contemporâneos do autor), nem a estátua nem seu templo foram destruídos, mesmo quando o fogo consumia as construções ao redor.

Além disso, quando inimigos tentaram invadir a cidade por trapaça ou força bruta, eles foram repelidos, o que foi visto como um sinal de proteção divina.

Proteção Contra Invasões Durante as Guerras da Bélgica

Um dos eventos citados ocorreu durante um conflito interno na Bélgica, no tempo de Maximiliano I da Áustria, que governava como regente do filho, Filipe, o Belo.

Naquela época, as regiões da Flandres e Bruxelas estavam divididas entre diferentes facções. O líder do lado oposto, Filipe de Cleves, era corajoso e habilidoso e planejava tomar a cidade de Halle.

Ele tentou invadi-la duas vezes no mesmo ano:

1. **Primeiro, por conspiração interna: havia infiltrados dentro da cidade.**
2. **Depois, por ataque militar direto, reunindo seis mil soldados com artilharia para um ataque surpresa.**

O Milagre da Captura do Espião

No entanto, por um "acaso" (ou melhor, pela proteção da Virgem, segundo o autor), um espião de Bruxelas foi capturado antes do ataque.

> **O prisioneiro revelou toda a conspiração, permitindo que a cidade se preparasse e frustrasse a invasão.**

O Segundo Ataque e a Intervenção Divina

Após falhar na primeira tentativa por meio de espionagem e infiltração, Filipe de Cleves tenta um novo ataque militar direto com um exército de 10.000 soldados (entre cavaleiros e infantaria).

Dessa vez, ele consegue um primeiro sucesso, capturando 120 soldados da cidade, que haviam saído para buscar madeira e mantimentos. Isso deixou Halle ainda mais vulnerável, restando apenas 250 soldados para defender a cidade.

> **A situação parecia desesperadora, pois o inimigo também usava canhões para abrir brechas nas muralhas, criando um grande acesso por onde três carroças poderiam passar lado a lado.**

Além disso, o exército inimigo lançou fogo sobre a cidade usando balas ocas de ferro cheias de material incendiário, que começaram a queimar várias casas.

O povo estava em pânico, mas todos, unidos, se voltaram à Virgem Maria em oração, pedindo sua proteção milagrosa.

A Reação Milagrosa dos Habitantes

Como se recebessem força divina, os cidadãos, incluindo sacerdotes, saíram do templo e enfrentaram diretamente o inimigo, lutando com grande bravura.

- **O inimigo tinha vantagem em número e armas, mas os habitantes estavam fortalecidos pela fé.**
- **A batalha durou até o anoitecer, e no final o exército de Filipe foi expulso, sofrendo grandes baixas.**
- **Até os próprios inimigos reconheceram que forças sobrenaturais estavam contra eles, pois tudo indicava que deveriam ter vencido facilmente.**

O Milagre Final: A Retirada dos Inimigos

Após a batalha feroz, um novo milagre acontece:

1. Sobreviventes Inexplicáveis

- **Algumas mulheres e civis tentaram apagar os incêndios provocados pelo ataque.**
- **Dez delas subiram no telhado de uma casa para ajudar, mas a casa desabou completamente.**
- **Todos pensaram que estavam mortas e esmagadas sob os escombros.**
- **Porém, todas se levantaram sem ferimentos graves e voltaram para suas casas caminhando.**
- **Esse fato foi interpretado como mais um sinal da proteção da Virgem Maria.**

---

2. A Retirada Milagrosa do Exército Inimigo

- **No dia seguinte, Filipe de Cleves preparava um novo ataque.**
- **Mas um mensageiro chegou de Chimay, enviado pelo príncipe Philippe de Croy, trazendo uma carta em latim escrita pelo próprio Maximiliano I.**
- **A carta informava que em três dias chegariam reforços para ajudar a cidade.**
- **Ao ouvirem essa notícia, os habitantes celebraram, tocaram os sinos da igreja e acenderam sinais luminosos para mostrar sua alegria.**
- **Os invasores interpretaram isso como um sinal de que os reforços já haviam chegado.**
- **Com medo e confusos, fugiram rapidamente, deixando para trás seus mortos, feridos e até mesmo armas e equipamentos de guerra.**

---

3. As Provas do Milagre

- **Como testemunho da batalha, a cidade guardou mais de 100 balas de canhão de ferro e pedra.**
- **Algumas dessas balas pesavam até 60 libras e foram armazenadas na igreja como lembrança do milagre.**

CAPÍTULO VII

Dois exemplos do mesmo fato, um do nosso tempo, quase simultaneamente (e de forma cômica).

Mas também isso, na mesma proteção sua e dos seus, aconteceu de forma divertida e digna de admiração, não há muito tempo, neste nosso infausto tempo de guerra civil.

Temselt, homem experiente e feroz na guerra, comandava Bruxelas, que, naquela época, também havia se juntado a outras facções, não tendo sido tomada pela força, mas sim pelo engano.

Ele ameaçava constantemente a cidade de Halle, pois ouvia dizer que esta, junto com Hainaut e Artois, havia sido restaurada ao rei.

Duas vezes ele tentou atacá-la, e com mais ousadia porque as cidades vizinhas estavam sob seu domínio e, dentro da própria Halle, havia **apenas quarenta novos soldados** para defendê-la.

Na primeira tentativa, foi repelido e, astutamente, fingiu ter desistido da investida.

Mas, em sua mente, tramava outra coisa e, secretamente, **reforçou suas forças com soldados contratados de outros guarnições** e voltou **de surpresa, à noite**.

E já com **as escadas e o restante do equipamento**, os invasores marchavam, como de costume, animados e encorajando-se uns aos outros.

Entre eles, estava um certo **Zwynzyck**, homem **não apenas irreligioso e perverso em sua vida, mas também de língua imprudente**.

Ele já **cantava vitória e se vangloriava publicamente, dizendo que cortaria o nariz da Virgem Maria dos habitantes de Halle**.

E então eles avançam, chegam ao destino.

O que aconteceu?

A Virgem ouviu e, como se fosse uma justa retribuição,

Maquinando uma pena de talião, logo a Virgem fez com que, por meio de uma bala de chumbo disparada, fosse arrancado o nariz daquele bufão."

"Ele recebeu sua punição e, entre seus próprios companheiros, ganhou a zombaria eterna, pois repetidamente o enviavam a Halle para recuperar seu nariz."

"Mas houve ainda outro, na mesma expedição, chamado João Rysselmann, que, com ferocidade ainda maior e uma boca ainda mais impiedosa, declarou publicamente que levaria a sagrada estátua de Bruxelas e, colocando fogo nela, a queimaria publicamente."

"Deus, Deus (e aqui deixo de lado a muito clemente Virgem), ouviu: e, por meio de um disparo de canhão, arrancou a língua do blasfemo ímpio e, pouco depois, também lhe tirou a vida."

"Eis que a Virgem também é vingadora! Mas muito mais nos alegra ouvi-la e vê-la como socorro

CAPÍTULO VIII
O benefício da mesma Santa na vida e na morte para um cavaleiro que perdeu seu falcão.

"Quantas vezes, e de quantas formas, a Virgem auxilia! Na alma e no corpo; nos perigos, nas calamidades, nas enfermidades, até mesmo na própria morte."

"Vejamos os exemplos: e primeiro aquele que uma antiga imagem de madeira representa, e cujo relicário ali serve como monumento."

"Nos arquivos também há a história completa escrita, mas sem menção ao ano. Entretanto, tanto a gravura do ícone quanto a própria escrita atestam que o fato é antigo, por seu estilo e linguagem arcaicos. Eis como aconteceu."

"A caça com falcões foi uma das atividades nobres entre os nossos ancestrais, e mesmo recentemente, antes que estas tristes guerras afastassem toda diversão honrada."

"Para essa caça, os falcões eram usados, adquiridos a um alto custo, vindos quase sempre das regiões setentrionais. Eram brancos, esbranquiçados ou manchados, com diferentes qualidades, cada um com sua própria linhagem, que determinava sua força e ferocidade."

"Um certo nobre (cujo nome não será mencionado) possuía um desses falcões de caça, muito estimado e amado. Mas, por acaso ou negligência de um criado, a ave voou para longe."

"O senhor, percebendo a perda, exigiu respostas. O criado, relutante, finalmente confessou a verdade: o falcão havia fugido. O nobre, furioso, explodiu em ira."

"Mentes para mim com mentiras? Escuta-me bem! Declaro solenemente que, se dentro de sete dias este falcão não for encontrado e trazido de volta ao castelo, tu perecerás."

O servo, tomado pelo medo, pois conhecia bem o rigor e a brutalidade das ordens senhoriais daquele tempo, sai desesperado em busca da ave. Outros se juntam à procura, vasculham as florestas e os lugares mais remotos. Tudo em vão.

O prazo se esgota, e a paciência do senhor também. Ele decide que o castigo será aplicado. O servo, ajoelhado, suplica mais uma chance e obtém uma prorrogação de um mês. Mas o tempo passa, e o falcão não aparece.

O senhor, então, ordena que seja erguida uma cruz e que o infeliz seja amarrado a ela, já com o laço em torno do pescoço, pronto para a execução. O carrasco está a postos, os olhos do condenado são vendados, toda esperança humana parece ter desaparecido.

Mas então, no último momento, a ajuda divina intervém. Vem-lhe à mente a lembrança de Nossa Senhora de Halle, que tantas vezes ouvira ser o amparo dos aflitos e, em especial, dos inocentes. Em preces silenciosas, invoca sua proteção.

Eis que, de repente, um som ressoa no ar: o tilintar dos sininhos que são tradicionalmente presos às patas dos falcões para que possam ser localizados quando se afastam. A esperança renasce no coração do condenado.

Suplicante, ele pede ao senhor que ao menos lhe conceda a graça de ter os olhos descobertos, para que possa elevar seu último olhar ao céu e dirigir suas derradeiras preces.

O pedido é atendido. Com os olhos voltados ao alto, ele ora mais uma vez à Virgem, com toda a sinceridade de sua alma.

E eis que ocorre o prodígio: diante de todos, o próprio falcão, sem se importar com a multidão, mergulha velozmente do alto e pousa diretamente no ombro do servo condenado.

Segue-se um grande alvoroço. O povo grita de alegria. O senhor, atônito, vê naquele fato um claro sinal divino. O servo, que estava prestes a perder a vida, recupera não apenas a liberdade, mas também o próprio falcão que causara sua desgraça.

"O senhor reconheceu a inocência. Mas a Santa Virgem recebe os louvores da boca de todos e o testemunho daquele a quem salvou, o que, como já disse, ainda hoje se vê representado em uma imagem de madeira. Há, contudo, algumas diferenças entre essa representação e o relato escrito. Pois, segundo a imagem, o falcão não teria retornado ao servo enquanto ele orava e estava suspenso, mas sim quando já estava totalmente pendurado e amarrado. E isso eu considero mais provável, pois aumenta ainda mais a admiração pelo milagre. Por que, afinal, a versão mais antiga do evento, representada na gravura, não deveria ser a verdadeira? Nela, inclusive, pode-se notar o vestígio de uma veste de servo, uma túnica simples e cingida."

CAPÍTULO IX

Alguém escapa da morte entre as águas, salvo de um iminente e súbito dilúvio.

Outro evento distinto do anterior, mas igualmente certo e digno de ser narrado. Pois aconteceu, como relatam os antigos, no ano de 1290, no mês de agosto, no dia dedicado a São Pedro.

A cidade de Angien, na região de Hainaut, está situada em um vale. Ali vivia um certo homem, entre os soldados comuns, chamado Paslinus.

No dia mencionado, ocorreu uma tempestade súbita e extraordinária. Nuvens espessas cobriram o céu, trovões ribombaram, relâmpagos cortaram os ares, e chuvas tão torrenciais caíram que os rios transbordaram por todos os lados.

As águas arrastavam casas, pedras das ruas eram levadas, os moinhos eram destruídos, e tudo se tornava como um grande mar.

As pessoas corriam em desespero: uns fugiam para terras mais altas, outros tentavam se proteger nos vales; uns temiam a força das águas, outros os raios que caíam sem cessar.

Nosso Paslinus, então Ele já estava em sua despensa, situada em um nível inferior, descendo vários degraus. Enquanto permanecia ali, tentando salvar alguns alimentos ou utensílios, eis que uma enxurrada de água irrompe com grande violência, inundando o espaço, de modo que a saída se tornava impossível, a menos que as paredes cedessem e fossem derrubadas em alguns pontos.

Mas nem assim veio o alívio, pois novas ondas chegavam, e agora Paslinus já via a morte diante de seus olhos. Contudo, em sua mente, só pensava na Santa Virgem de Halle, a quem, trêmulo, invocou. Inspirado por ela, agarrou-se com as mãos a uma porta elevada, que fechava um arco.

Ele se segurou firmemente ali por duas horas inteiras, enquanto as águas continuavam a investir contra ele por todos os lados, alcançando seu queixo e, por vezes, até sua cabeça.

A noite já caía, e com ela as trevas, mensageiras ou irmãs da morte. Desesperado, mais uma vez invocou a Virgem, e não em vão, pois ela enviou uma luz intensa, iluminando o local e ao mesmo tempo fortalecendo-lhe o corpo para que resistisse.

A noite passou, assim como as águas, e ele sobreviveu, embora sua esposa e filhos tivessem sido tragados pela enchente.

Ele então dirigiu-se a Halle, onde ofereceu uma imagem votiva de cera e trouxe dezessete testemunhas fiéis, que confirmaram juntamente com ele a veracidade do acontecido.

O menino saiu de casa e ficou desaparecido por mais de duas horas, sem ser encontrado. Por fim, seu pai o encontrou caído em um pântano, com a cabeça afundada no lodo e os pés voltados para cima.

Ele o retirou e o colocou no chão, ficando ao lado dele, angustiado, tentando descobrir se ainda restava alguma vida nele. Viu que havia expirado e que já havia passado mais de uma hora desde que o retirara dali.

Então, movido por um certo impulso interior, voltou-se para a Virgem de Halle, oferecendo-lhe tanto o menino quanto suas preces.

Mal fez isso, a vida retornou, o menino começou a se mover e a erguer-se. Juntos, voltaram para casa com grande alegria.

Um jovem cego de ambos os olhos, doente e impotente, é curado por inteiro e libertado de seu sofrimento.
(Uma história digna de ser contada em versos.)

Na terra e na cidade dos Eburões, havia um menino,
De família e posição honrada, mas enfermo do corpo,
E cego de ambos os olhos, o que trouxe grande dor
Ao seu pai, à sua mãe e a todos os amigos.

Os remédios foram tentados em vão, a doença persistia,
Tanto a cegueira quanto o sofrimento.
Mas eis que uma nova esperança chegou a seus ouvidos,
A fama desta Virgem de Halle. Então, fizeram votos,
E, ao fazê-los, o menino recebeu a luz,
Clara e certa. Aquele que ontem era tido como cego,
Agora desafia até mesmo Linceu em visão.

Além disso, foi-lhe dada a cura do resto do corpo.
Vieram ambos os pais, veio também o menino,
Que se chamava Nicolau, à cidade de Halle.
Ali se apresentaram diante da Virgem e, juntos,
Ofereceram uma imagem feita de prata pura e reluzente,
Para que servisse como testemunho e prova para a posteridade.

Salve, ó cidade amiga dos Eburões!
E que, com esta e outras provas,
Tu, que já és devota, permaneças firme na fé.

CAPÍTULO XIII
Resgatados do naufrágio em meio à tempestade

Agora chego a fatos cuja época, ainda que não a essência, é mais certa. No ano de 1405, treze homens, cujos nomes estão registrados em escritos mas não precisam ser repetidos aqui, viajavam de Batávia para Antuérpia em um navio.

Uma tempestade se levantou, o mar tornou-se agitado, e a chegada da noite aumentou ainda mais o medo. O pavor cresceu quando o próprio capitão, vendo-se incapaz de controlar a situação, dirigiu-se aos tripulantes com palavras severas:

"Cada um prepare sua alma, entregue-se a Deus, pois não há mais esperança de salvação nesta vida."

Seguiram-se gemidos e lamentações, uns se jogavam ao chão, outros erguiam as mãos ao céu, todos aguardavam a morte iminente.

Então, alguém sugeriu que invocassem, em oração comum e fervorosa, a Virgem de Halle. Assim o fizeram. E, assim que a prece foi pronunciada, um clarão brilhou sobre o navio, dissipando as trevas e aliviando o medo.

Logo depois, a embarcação, como que conduzida por mãos invisíveis, alcançou o porto em segurança. Os treze homens desembarcaram e, sem demora, seguiram para Halle, onde testemunharam que deviam suas vidas à Virgem e cumpriram fielmente o voto feito a ela.

CAPÍTULO XIV
Uma jovem insana recupera a mente

No ano de 1407, havia uma jovem nobre da família Hangerelia, que, sendo saudável de corpo e bela de aparência, subitamente perdeu a razão e caiu em fúria descontrolada.

Sua mãe, como seria de esperar do amor materno, estava desesperada e aflita. Tentou de tudo e buscou diversos meios para curá-la. Por fim, resolveu ir até a Virgem Santíssima em busca de auxílio.

Ela entrou na igreja e, derramando preces sinceras, rogou à Virgem pela recuperação de sua filha. No exato momento em que orava, a jovem, que estava ausente, foi subitamente curada e recuperou sua sanidade, antes mesmo que a mãe retornasse para vê-la.

Oh, que alegria e que abraços de júbilo! *"Minha filha foi restaurada, graças à tua misericórdia, ó benigníssima Protetora! A ti devo sua cura, assim como devo minha própria vida."*

Em agradecimento, vieram ambas à igreja e ofereceram uma imagem de cera pesando cento e dez libras, representando a própria jovem curada, modelada com exata semelhança, conforme o costume dos gregos.

CAPÍTULO XVI

Um pai, já submerso no rio, volta à vida

No ano de 1410, em um subúrbio de Bruxelas chamado Obbrussel, próximo a Halle, vivia uma simples camponesa. Ela tinha um filho de seis anos, que brincava perto de um riacho.

Enquanto se distraía, o menino, sem perceber o perigo, caiu na água e foi arrastado pela correnteza. A mãe, desesperada ao ver o filho desaparecer nas águas turbulentas, começou a gritar por socorro e a invocar a Virgem de Halle, sua protetora:

"Ó Mãe de Deus, que és venerada em Halle, salva meu filho! Eu e ele nos entregamos a ti!"

Dito isso, um verdadeiro milagre aconteceu. O menino, que já estava submerso e sem vida aparente, foi levado suavemente pela corrente até uma margem segura, onde pousou sem ferimentos. Os moradores que acorreram ao chamado da mãe testemunharam o acontecimento extraordinário.

Em gratidão pelo milagre, a mãe e seu filho foram até Halle para cumprir sua promessa. Levaram uma oferenda votiva à Virgem Maria e deram testemunho do ocorrido diante de todos.

CAPÍTULO XVII

Um pai, ao se deparar com seu filho enforcado acidentalmente, implora por um milagre e o menino retorna à vida

Um fato semelhante ocorreu, onde a vida foi devolvida a uma criança, mas em circunstâncias diferentes. Ocorreu no ano de 1419, na cidade de Binche, no condado de Hainaut, um local de clima saudável e beleza natural. Essa cidade foi tão apreciada pela Rainha Maria, irmã do imperador Carlos V, que ela ali construiu uma grande residência e belos jardins. Menciono essa heroína porque sua dedicação à Bélgica foi notável—ela governou com integridade e zelo por alguns anos em nome de seu irmão.

Na mesma cidade, vivia uma mulher humilde chamada Catarina, que sustentava a si mesma e seus filhos por meio de trabalhos domésticos pagos. Ela tinha um bebê ainda deitado no berço, a quem chamava carinhosamente de "Cristo-homenzinho".

Certa manhã de Páscoa, como de costume, Catarina deixou a criança em casa e saiu para realizar suas tarefas diárias. Algumas horas depois, uma vizinha passou pela casa, bateu à porta e, ao perceber que estava destrancada, entrou. Não encontrou ninguém, mas viu o bebê pendurado no berço pelo cinto ou faixa que o segurava.

Horrorizada, aproximou-se e percebeu que a criança estava sem vida, com o corpo já frio como gelo. O bebê, ao se virar ou se agitar sozinho, havia escorregado do berço e ficado suspenso, com o pescoço preso, enforcando-se.

A vizinha gritou desesperada, chamando outras pessoas. Logo, uma multidão se reuniu, e entre elas a própria mãe, que, ao ver a cena, foi tomada por um pressentimento sombrio. Quando finalmente compreendeu o que acontecera, desmaiou de dor, quase como se estivesse testemunhando um segundo funeral.

As mulheres e alguns homens presentes tentaram consolá-la e erguê-la. Em meio ao desespero, decidiram consagrar o bebê à Virgem de Halle, suplicando-lhe um milagre...

A mãe, desesperada, junta-se às outras mulheres presentes e, em lágrimas, faz um voto sincero à Virgem de Halle. Incrivelmente, após horas sem vida, o bebê começa a recuperar a cor e os sinais de vida reaparecem. Aos poucos, ele se movimenta e, ao ser alimentado, aceita a comida e a bebida.

Milagrosamente restabelecido, a mãe, acompanhada por uma nobre chamada Scarfinia e por várias testemunhas de boa reputação, leva o filho até Halle para agradecer a graça recebida. Lá, cumprem seu voto, oferecendo preces e homenagens à Virgem que, acreditavam, havia salvado a criança da morte.

Capítulo XVIII

Menina com os ossos fraturados e sufocada retorna à vida

Encontro este relato semelhante ao anterior: trata-se de uma menina que caiu na água e foi trazida de volta à vida.

O fato ocorreu no castelo de Ligny, no ano de 1419.

A jovem chamava-se **Joana Maillarta**. Certo dia, saiu para buscar água de um poço profundo nas proximidades, para uso doméstico.

Esse poço, observe bem, tinha cerca de **quarenta pés de profundidade** desde o fundo. Na parte superior, era cercado por pedras, e havia uma grande rocha, sobre a qual as pessoas costumavam apoiar-se ao puxar a água.

Enquanto Joana puxava a corda para encher seu balde, essa rocha maior desabou — e ela caiu junto com ela.

Porém, além da queda na água, outro infortúnio aconteceu: no fundo do poço havia uma pedra natural ou rocha saliente. Com a força do impacto, ela bateu a cabeça violentamente, além de ferir gravemente o braço e a perna. Sua perna inchou tanto que, quando foi retirada da água, parecia do tamanho do próprio corpo.

Ela ficou submersa por **meia hora** antes que alguém pudesse ajudá-la. Quando finalmente foi resgatada, seu corpo estava **frio e rígido, escuro e sem sinais de vida**. Assim permaneceu por cerca de **três horas**.

Sua mãe e várias pessoas aflitas permaneceram ao seu lado, chorando sem esperança.

Mas então, lembrando-se da famosa intercessão da **Virgem de Halle**, elevaram preces e fizeram votos.

E eis que aconteceu o prodígio!

Primeiro, a cor do corpo da menina voltou ao normal. Depois, a vida retornou, ela começou a se mexer e seus ferimentos começaram a cicatrizar.

Poucos dias depois, sua mãe levou Joana até Halle, para cumprir sua promessa e agradecer pela graça recebida.

Capítulo XIX

Homem morto por três dias retorna à vida

Esses relatos podem parecer semelhantes, admito. Mas ainda há mais a contar.

Como poderia omitir tais acontecimentos? O que poderia demonstrar com mais clareza o poder de Deus e a intercessão da Mãe Santíssima do que o retorno dos mortos à vida por meio dela?

Que os pagãos fiquem perplexos! Que os ímpios se calem! Pois não há explicação humana para esses prodígios.

Agora, mudarei apenas o estilo da narrativa, mas não os fatos.

Relatarei um milagre extraordinário que ocorreu há muito tempo em **Seneffe**, um vilarejo próximo de Halle, no Brabante.

Escutem, pois esta história é verdadeira! Ela está registrada em escritos sérios, confirmada por testemunhas e até mesmo representada em uma tapeçaria sagrada

Na igreja de Halle, até hoje se pode ver esse relato representado.

Aconteceu o seguinte:

Uma mulher casada, prestes a dar à luz, entrou em trabalho de parto, mas a criança nasceu morta. Os amigos e parentes, como de costume, prepararam o corpo para o sepultamento. O enterro foi realizado, e no dia seguinte deram a notícia à mãe, que, relutante, mas sem opção, recebeu a informação.

Ela se entregou às lágrimas e chorou o dia inteiro.

Então, ao anoitecer, teve uma visão de uma mulher de aparência nobre que lhe oferecia consolo, dizendo que sua dor poderia ser aliviada caso fizesse uma promessa à Santíssima Virgem de Halle.

Sem hesitar, a mulher fez seu voto e, logo depois, chamou os presentes, suplicando que ao menos lhe permitissem ver e tocar o corpo de seu filho pela última vez, pois durante tantos meses o havia carregado em seu ventre.

Os outros a desanimavam, dizendo que a criança já estava sepultada há três dias e que nada mais poderia ser feito. Mas a mãe insistiu e, rejeitando a recusa deles, jurou que não comeria nem beberia até que seu pedido fosse atendido.

Vencidos por sua determinação, foram ao cemitério, exumaram o corpo e o colocaram no leito da mãe.

Então, ela pediu luz para enxergar melhor. E o que aconteceu?

A criança mudou de cor, passando de pálida para rosada, moveu ambos os braços e gemeu três vezes.

Imediatamente, levaram o bebê para a igreja para ser lavado conforme o rito sagrado. No entanto, o sacerdote demorava a chegar…

O sacerdote estava diante do altar e oferecia a Deus a vítima incruenta do sacrifício. Depois da consagração, no entanto, ele ainda hesitava e insistia que o menino não estava vivo.

As pessoas afirmavam o contrário, mas ele negava. Então, de repente, o menino começou claramente a respirar e a expelir água pela boca.

Diante disso, o sacerdote finalmente cumpriu seu dever, e os outros também. Depois, todos retornaram para casa.

Porém, ao meio-dia, o menino adormeceu novamente e, já parte da comunidade cristã, faleceu, entrando na morada eterna.

Capítulo XX

Uma criança perdida e encontrada morta é trazida de volta à vida

Cantipratum é um vilarejo na diocese de Cambrai, onde há um mosteiro de religiosos com um abade. Lá vivia um homem chamado João de Bidim, que tinha um filho de dois anos chamado Martinho.

Era domingo, e o homem, junto com sua esposa, foi à igreja logo pela manhã para assistir à missa, conforme o costume cristão.

Depois da missa, foram almoçar na casa de amigos e só retornaram para casa por volta do meio-dia, na segunda hora da tarde.

Ao chegarem, imediatamente procuraram o filho com os olhos e o coração (pois sabemos como são os pais), mas não o encontraram.

Começaram então a perguntar aos vizinhos se alguém o havia visto, mas todos negaram. O pai ficou aflito e pediu ajuda para procurá-lo, temendo que, por ser tão pequeno, tivesse se perdido por perto.

Eles passaram o resto do dia procurando…

E passaram toda a noite na busca, acrescentando ainda o dia seguinte até a noite. Então, os vizinhos, já desesperançosos de encontrá-lo e acreditando sinceramente que a criança havia morrido, despediram-se do pai e o aconselharam a fazer o mesmo e aceitar a perda do filho.

Cada um retornou à sua casa, e também o pai voltou para junto de sua esposa entristecida, ambos ainda mais aflitos porque fazia um frio extremo naquela noite. Se a criança estivesse ao relento em algum lugar, certamente não poderia ter sobrevivido.

Em meio a essa angústia, o pai voltou sua mente e suas orações para a Virgem Santíssima venerada em Hallas e fez um voto de peregrinação.

Adormeceu logo em seguida e, durante o sono, teve uma visão que o aconselhava a continuar procurando o filho, pois certamente o encontraria.

Assim que o dia nasceu, ele procurou novamente os vizinhos e pediu que o ajudassem mais uma vez na busca. Eles relutavam em aceitar, dizendo:
— Não é inútil? Não já procuramos por todo lado? Se estivesse vivo, já teria sido encontrado.

Ainda assim, diante da insistência do pai, o seguiram. Vasculharam campos, arbustos e valas até que, pouco antes do meio-dia, chegaram a um poço lamacento cheio de água estagnada.

O pai, guiado por um instinto interior, disse:
— Aqui! Vamos procurar aqui!

Os outros protestaram, argumentando que a criança não poderia ter chegado tão longe, ainda mais por conta própria. Afinal, até mesmo eles tinham dificuldade em andar por aquele terreno.

Mesmo assim, resolveram examinar o local e, de repente, encontraram o menino caído, coberto de lama e água.

A cena era terrível. Ninguém ousava tocá-lo, pois a tradição proibia que se mexesse num corpo morto sem a permissão do juiz.

Chamaram então o juiz, que veio e concedeu a permissão. A criança foi levada ao templo para receber os ritos funerários. Mas a esperança do pai não o abandonou, e a Virgem Santíssima o inspirou, concedendo-lhe força interior. Ele então colocou seu filho sobre o altar, diante da imagem da Santa, e, ajoelhado, suplicou com fervor entre lágrimas.

Uma multidão de pessoas observava a cena. O próprio abade de Cantipratum, Nicolau, estava presente. E então — ó maravilha! — a criança imediatamente recuperou a vida e a voz, levantando-se.

Logo depois, junto com o pai, dirigiu-se para casa e, pouco tempo depois, foram ambos até Hallas para agradecer e divulgar os méritos da Santa.

CAPÍTULO XXI
Coisas extraordinárias e maravilhosas: sobre um menino ressuscitado da morte e salvo sob a terra, entre outros prodígios impressionantes.

O que devo narrar agora? Mais um relato semelhante, mas que contém ainda mais milagres em um só evento. Este manifesta toda a fonte da bondade e do poder divino.

Eleva, ó alma, a tua voz e teu espírito para narrar este fato com toda a grandeza que merece! E, para que eu possa fazê-lo, ó Santa, guia minha mão e inspira minha mente.

Há um povoado chamado *Sancti Mauricii*, modesto em nobreza, mas situado próximo à nobilíssima cidade de Cambrai.

Seu habitante, **Estêvão Morelius**, tinha por esposa **Firmina**. No ano de **1428**, ela entrou em trabalho de parto, mas, ao dar à luz, o bebê nasceu morto.

A própria parteira e todas as mulheres que auxiliaram no parto julgaram que não havia vida na criança. Examinaram cuidadosamente, tentaram reanimá-lo, aqueceram-no ao fogo, mas Eles tentaram de todas as formas trazer a criança à vida, mas sem sucesso.

Assim, o menino foi enterrado de acordo com os costumes comuns e profanos. Alguns deixaram de lado qualquer preocupação ou pensamento sobre ele.

Mas não sua mãe, que sofria em dobro: pela morte de seu filho e por essa morte ter ocorrido antes que ele pudesse ser batizado e lavado pelas águas sagradas.

Ela chorava e se lamentava, mas ao mesmo tempo depositava sua esperança e confiança na Santa Virgem. Mais ainda, pois já era costume seu prestar devoção anual, indo em peregrinação a Hallas para venerar com piedade e pureza a imagem sagrada.

Por isso, ela fez votos e rezou todos os dias, lutando contra a ordem natural das coisas, até o décimo quinto dia após a morte de seu filho.

Agora, mais segura, começou a declarar publicamente que ele estava vivo, pois tinha tido visões noturnas que lhe davam certeza desse fato.

Finalmente, insistiu com as mulheres que haviam ajudado no parto, quase as forçando a acompanhá-la ao túmulo. Junto com seu marido, Estêvão, foram até o local onde a criança havia sido enterrada por tantos dias.

Escavaram cerca de três pés de terra, que havia sido firmemente pressionada acima do corpo, e o que viram foi um verdadeiro milagre:

O menino estava ali, intacto, belo, com uma aparência vívida e com as faces coradas como uma rosa.

Não havia nenhum sinal de morte no corpo, nem qualquer dano, exceto uma pequena marca na bochecha, causada pela pressão da terra sobre ele.

Eles ficaram maravilhados e tomados por uma alegria temerosa, mas hesitavam em tocá-lo, pois ele já estava morto havia tanto tempo...

Eles foram até o pastor de sua paróquia para relatar o acontecimento.

Ele veio, também ficou atônito e viu com seus próprios olhos os sinais de vida na criança.

Então, decidiu que, como o menino estava sob o patrocínio da Santa Virgem, deveria ser levado para a vila vizinha de Vertenguel, onde havia mais fiéis e onde a Virgem era venerada.

Saíram em procissão – a parteira, várias mulheres e uma grande multidão. Como já era tarde e o povoado ficava a dois quilômetros de distância, a mãe previdente doou parte de uma vela sagrada de cera branca para iluminar o caminho.

E então ocorreu outro milagre:

Apesar de seu pequeno tamanho, medindo apenas cerca de vinte centímetros, a vela não se consumiu nem diminuiu.

Ela permaneceu acesa e brilhando desde o entardecer até a manhã seguinte, sem perder volume algum.

E houve ainda um terceiro milagre:

A estrada pela qual caminhavam ficou completamente iluminada como se fosse dia, enquanto atrás deles, ao longo do caminho já percorrido, a escuridão e a noite voltavam imediatamente.

Ao se aproximarem de Vertenguel, souberam que o padre da paróquia não estava ali, mas sim em um castelo chamado Vertunum, jantando com um nobre governador.

O pai da criança, Estêvão, e uma mulher chamada esposa de São Hilário, que o acompanhava, foram rapidamente até o castelo.

Chegaram à hora do jantar e encontraram as portas fechadas.

Bateram, mas foram ignorados e ninguém os atendeu ou deixou entrar.

Mas então ocorreu o quarto milagre:

Enquanto aguardavam, sem que ninguém a abrisse, uma porta menor dentro da grande porta principal do castelo se abriu sozinha, dando passagem a eles.

Eles entraram e seguiram até a segunda porta do castelo.

Bateram novamente. No momento em que chegaram diante da terceira porta, ocorreu o mesmo: ela se abriu sozinha.

Assim, sem que ninguém os notasse, entraram no salão do banquete.

O governador da fortaleza, Henrique, gritou surpreso:

"Quem os deixou entrar? Como puderam passar? São inimigos?"

Irritado, pegou sua espada e avançou sobre o porteiro:

"Seu miserável! Onde está sua lealdade?"

O porteiro tentou se justificar e implorar por misericórdia, jurando que todas as portas estavam bem trancadas e que ele não as havia aberto.

Como prova, chamou a filha do próprio governador, que estava presente e podia confirmar o ocorrido.

A fúria do governador se transformou em espanto. Ele percebeu que não havia nenhum ataque inimigo e que a situação era de outra natureza.

Então, os visitantes explicaram sua súplica e o motivo da vinda:

Eles pediam que o padre fosse com eles até Vertenguel para batizar a criança milagrosamente preservada e assegurar sua entrada no reino de Cristo.

O sacerdote, chocado com a história, imediatamente se levantou da mesa e partiu com eles. Cerca de vinte homens e mulheres do banquete decidiram acompanhá-lo.

O governador, profundamente impressionado, mandou preparar seu cavalo e, com cinco cavaleiros de escolta, também seguiu viagem.

Chamando sua filha, ordenou que abrissem imediatamente os grandes portões do castelo.

Mas já não era necessário — todas as portas, que antes estavam trancadas, haviam sido abertas espontaneamente.

Ou, para dizer a verdade, **foi a Virgem Mãe quem as abriu.**

O governador, embora fizesse repetidamente o sinal da cruz, não hesitou e seguiu em frente até chegarem à igreja.

Lá, diante de todos, o menino mostrou claros sinais de vida:

O sangue escorreu de suas narinas, sua boca se abriu e fechou, seus olhos se moveram, e ele, finalmente, suspirou e chorou —

não apenas algumas lágrimas, mas muitas, lágrimas reais, que puderam ser enxugadas com um pano e recolhidas como testemunho do milagre.

Assim, o sacerdote concedeu o batismo diante de todos.

Havia cerca de **setenta pessoas presentes**, que testemunharam o milagre.

Após ser batizado, o menino viveu por aproximadamente **cinco horas**, reclinado no altar da Santíssima Virgem.

Então, ocorreu um **quinto milagre**:

Diante dos olhos de todos, seu corpo começou a **dissolver-se como neve ao sol**, definhando rapidamente até finalmente falecer.

Imediatamente, os sacramentos finais foram-lhe administrados.

E devo contar ainda um **sexto milagre**?

Naquele mesmo instante, a mãe, que estava **em casa e deitada em seu leito**, **sentiu seus seios secarem subitamente**.

Antes disso, eles ainda **produziam leite**, e nada havia conseguido interromper essa produção – **até que o filho recebeu o batismo e faleceu verdadeiramente**.

(Vejam a **simpatia misteriosa** entre mãe e filho!)

Dessa maravilha, **dois povoados inteiros e todas as pessoas presentes são testemunhas**.

Ó fato admirável!

Que resposta pode haver a isto de parte dos céticos e incrédulos?

Quanto a mim, **eu te venero, ó Virgem Divina**,

pois és tu quem conduz da morte à vida, até que, no último dia, alcancemos a vida eterna!

Olha para nós com tua graça e concede que, guiados por ti, possamos fazer essa mesma jornada rumo à eternidade!

Por teu Filho unigênito, por quem te suplicamos! Amém.

Capítulo XXII

Um inocente é milagrosamente libertado do perigo

Mas avancemos para outros relatos, pois a Mãe de Misericórdia, como a Igreja a chama, demonstrou seu auxílio em todos os tipos de aflições.

Nos confins do Hainaut e Picardia, há uma cidade pertencente por direito e posse aos duques de Artois. Contudo, por um acordo e transação com os príncipes da Bélgica, estes puderam nela colocar guarnições, fortificá-la e protegê-la conforme julgassem necessário.

A história que agora conto aconteceu ali. No ano de Nosso Senhor (data ilegível), certo homem chamado Jean Sampenois, de nacionalidade francesa e oriundo da pequena cidade de Aspernac, na Campânia, movido pela piedade, desejava ir a Halle para venerar a Virgem. Durante a viagem, encontrou dois companheiros (ai, pouco confiáveis!), Nicolas Breton e Pierre Norman. Estes logo o saudaram amigavelmente:

— Para onde viajas?
— Para a Bélgica — respondeu Jean.
— Nós também! A piedade nos move, bem como o comércio, pois somos mercadores.

Juntos, chegaram a Avennes. Porém, logo foram denunciados por alguns franceses que haviam chegado à cidade e acusaram Nicolas e Pierre, com fundamento, de serem ladrões e saqueadores. Presos, os dois, sob tortura, confessaram falsamente que haviam roubado quatro cálices de prata, que os venderam e que haviam dado parte do dinheiro a Jean.

Além disso, disseram que haviam furtado três outros cálices em Saint-Maxence e cometido um assassinato. Acrescentaram ainda que Jean estava envolvido nesses crimes. Como resultado, Jean foi preso junto com eles.

Nicolas, ao ser levado para a execução e prestes a ser suspenso na forca, tomado por um súbito escrúpulo de consciência, libertou Jean de todas as acusações, retirando tudo o que havia dito contra ele.

Porém, Pierre, pelo contrário, insistiu. Pierre insistiu novamente na acusação e, mesmo nos momentos finais, negou que estivesse mentindo para Deus e os homens, afirmando que Jean era realmente seu cúmplice nos crimes.

O magistrado, então, decidiu que não havia mais dúvida e condenou Jean. No entanto, porque Jean continuava a proclamar sua inocência, o magistrado exortou o povo a assistir à missa para rezar pelo perdão dos condenados.

Mas Jean, com firmeza, declarou:
— Senhor magistrado, peço apenas que todos aqui recitem a Oração do Senhor e a Saudação Angélica em honra da Bem-Aventurada Virgem de Halle, e entreguem minha alma a ela, pois sou inocente e confio em sua proteção.

Após essa súplica, o carrasco amarrou Jean à forca, ajustou o laço ao seu pescoço e retirou a escada. No entanto, Jean permaneceu vivo, o que surpreendeu a todos. O carrasco, enfurecido, puxou a corda com força, apertando ainda mais o nó, e chegou a apoiar os joelhos sobre o condenado para acelerar sua morte. Mesmo assim, Jean continuava vivo.

Nesse momento, ele pôde ver, como depois confessou, uma senhora de rosto majestoso e belo, que estava atrás dele, envolvendo-o e protegendo-o, como se o tivesse tomado sob sua tutela.

Por mais de uma hora, Jean ficou suspenso, ainda vivo. Então, para assombro de todos, surgiu um nobre cavaleiro chamado Jean Scriba, muito respeitado por sua linhagem, virtude e riquezas. Ele se dirigiu ao magistrado e disse:
— Senhor, peço-vos, por favor, que me entregue este homem inocente. Venho em nome e por ordem da Bem-Aventurada Virgem.

O magistrado, já inclinado a ceder, ordenou que Jean fosse retirado da forca e entregue ao nobre.

Sampenoius aproxima-se de seu salvador e, cheio de gratidão, agradece-lhe efusivamente. Mas aquele que o salvou recusa qualquer louvor e diz:

"Dirija-se a Halles, como prometeu, para reconhecer os benefícios recebidos e agradecer à Bem-Aventurada Virgem Maria."

Nós também nos dirigimos a ti, ó Virgem misericordiosa, suplicando-te: assim como livraste este inocente do laço da morte, livra-nos também das cadeias do pecado e dos vícios, e conduz-nos ao reino eterno contigo.

Capítulo XXIII

Um prisioneiro na Gália libertado de uma masmorra, à semelhança de São Pedro

No ano de nosso Senhor, um homem chamado Guillaume Moustier, de origem picarda, viajou para a região da Picardia por motivos comerciais. Naquela época, havia uma longa e contínua guerra entre os ingleses e os franceses, sob o reinado do rei Carlos VII da França.

Guillaume caiu nas mãos dos ingleses e foi levado cativo para a fortaleza de Saint-Michel. Lá, permaneceu preso por cerca de dez meses.

Seu resgate foi fixado em oitenta moedas de ouro, uma quantia que ele, sendo de posses modestas, não tinha meios de pagar. Também não havia esperança de escapar, pois fora lançado em um poço profundo e tinha os pés firmemente presos por correntes.

Enquanto jazia ali, triste e angustiado, comendo um pedaço de pão que haviam jogado para ele de cima, lembrou-se da misericórdia da Bem-Aventurada Virgem Maria e das promessas que ouvira sobre seu auxílio aos aflitos.

Guilherme Mosterius, preso pelos ingleses e mantido em um poço escuro e profundo, com os pés acorrentados, lembra-se da Virgem de Halles, cuja devoção era muito difundida na Picardia. Com fé sincera, ele clama por sua ajuda, desejando ser libertado de sua prisão sombria.

Logo após suas preces, ele cai suavemente no sono. Quando desperta pela manhã, para seu completo espanto e maravilha, percebe que está livre das correntes e do cárcere! Além disso, encontra-se a três milhas de distância da fortaleza de Saint-Michel, onde antes estava detido.

Enquanto ainda tenta entender o que aconteceu, um grupo de cavaleiros ingleses aparece. Entre eles está um centurião chamado Tournebolin, que o reconhece e, surpreso, pergunta:

"És tu, o prisioneiro? Como vieste parar aqui? Quem te trouxe? Que magia é essa?"

Confuso e tomado pela emoção, Guilherme responde:

"Meu senhor, eu não sei. Não fui eu, nem qualquer homem. Apenas dormi e acordei aqui. A Virgem me libertou! Clamei por sua ajuda antes de dormir, e foi ela quem me transportou até este lugar."

Diante desse testemunho, tanto o centurião quanto os outros soldados ficam impressionados e, movidos pela reverência, decidem libertá-lo. Para garantir sua segurança, entregam-lhe um documento oficial que confirma o milagre e testemunha sua libertação, para que possa viajar sem ser recapturado.

Com esse salvo-conduto, Guilherme dirige-se a Halles para agradecer à Virgem por sua salvação e venerá-la devidamente.

Capítulo XXIV – Mulher milagrosamente salva sob a roda do moinho

Em Hainaut, próximo à Abadia de Lobbes, vivia um homem chamado Joannes Massardus com sua esposa, Catarina, que estava grávida e prestes a dar à luz. Joannes era moleiro e carpinteiro, e certo dia precisou sair, deixando a casa e o moinho sob os cuidados da esposa.

Enquanto realizava suas tarefas, Catarina percebeu que a roda do moinho estava girando lentamente devido à falta de água. Para resolver o problema, dirigiu-se à comporta para aumentar o fluxo do rio. No entanto, ao tentar levantar a tranca de madeira, a ponte sobre a

qual se apoiava quebrou, e ela caiu diretamente na água, sendo arrastada para debaixo da roda do moinho.

Ali, ficou presa e esmagada sob o peso da roda, sendo submersa e pressionada pela força da água por mais de meia hora. Desesperada, lembrou-se da Virgem de Halles e clamou por sua ajuda, rogando por sua vida e pela de seu filho ainda não nascido.

Enquanto isso, seu marido retornava e percebeu que a roda do moinho havia parado inesperadamente. Preocupado, chamou por sua esposa e, ao procurá-la, encontrou-a presa sob a roda. Horrorizado, começou a gritar por socorro. Os vizinhos, incluindo o prefeito e alguns religiosos da abadia, correram para ajudar.

Os vizinhos, junto com o prefeito e alguns religiosos, chegaram para ajudar e, com grande esforço, conseguiram retirar a mulher debaixo da roda do moinho. Todos acreditavam que ela estaria morta, pois havia ficado submersa e esmagada por tanto tempo.

No entanto, para a surpresa de todos, Catarina estava viva e sem ferimentos graves. Assim que foi resgatada, começou a louvar o nome da Virgem Maria, testemunhando diante de todos que foi salva graças à sua intercessão.

Alguns dias depois, deu à luz um menino saudável, que sobreviveu por doze dias. Todos ficaram maravilhados com o fato de que, apesar da imensa pressão da roda, o bebê não apenas não foi esmagado, mas nasceu em perfeitas condições.

CAPÍTULO XXV

O alfaiate que engoliu uma agulha junto com o fio e, após quatro dias, a expeliu ileso.

No ano 1440, havia um alfaiate na Flandres, às margens do rio Escalda, chamado Bartholomaeus Bredec. Certo dia, enquanto trabalhava, pegou uma agulha junto com um fio para ter as mãos livres. No entanto, distraído com o trabalho, esqueceu-se de que a agulha estava em sua boca e, junto com o fio, acabou engolindo-a.

Assim que percebeu o que havia acontecido, ficou aterrorizado e, indo até sua esposa, disse: "Estou perdido!" e contou-lhe o ocorrido. Ela começou a lamentar-se junto com ele e logo procurou ajuda entre os vizinhos, depois entre parentes e médicos, buscando socorro e conselhos. Muitos falaram e agiram, mas todo o esforço foi em vão, e ele carregou a agulha dentro de si por quatro dias.

Por fim, foi até Mechelen (Malinas), onde tinha um irmão dedicado à medicina. Consultou-o e também outros médicos, que lhe administraram purgantes e remédios, mas a agulha não apareceu entre os dejetos.

Aconteceu que era um sábado e o irmão médico havia organizado um pequeno jantar para alegrá-lo. A refeição foi animada e, como era costume de nossa gente, estendeu-se até a noite.

Então, quando os sinos tocaram, o médico anunciou que iria ao templo para as solenidades daquele dia em honra da Santíssima Virgem. Os outros permaneceram à mesa, mas

Bartholomaeus, cujo semblante agora estava mais alegre, levantou-se e ficou em pé diante do fogo, pensativo.

Foi então que lhe ocorreu um pensamento: seu irmão havia falado sobre a Sagrada Virgem, aquela gloriosa de Halles. Sem hesitar, fez um voto em seu coração, prometendo que, se fosse salvo por sua intercessão, peregrinaria até ela.

Mal havia terminado de falar consigo mesmo, sentiu algo se mover entre seus dentes e se prender ali. Introduziu os dedos na boca e retirou a agulha junto com o fio.

Radiante, esperou o retorno do irmão para compartilhar a notícia. Quando ele voltou, Bartholomaeus mostrou-lhe a agulha, mais demonstrando do que narrando o milagre, e assim confirmou sua fé através do acontecimento.

CAPÍTULO XXVI

O olho de uma criança, perfurado por uma faca, é curado imediatamente.

Na aldeia de Wachel, perto de Lille, na Flandres, havia um homem chamado Cornelius, que tinha oito filhos pequenos, todos do sexo feminino, ainda muito jovens e frágeis, e nenhuma delas havia sequer atingido três anos de idade.

Enquanto brincavam, na ausência dos pais, a mais nova encontrou uma faca e começou a manuseá-la. A irmã um pouco mais velha, ao vê-la, temendo que algo ruim acontecesse, tentou arrancá-la de suas mãos e conseguiu, mas com tanta força (visto que a menor resistia) que, sem querer, cravou a lâmina da faca em seu próprio olho, perfurando a pupila com um golpe violento.

Houve gritos e choros. Os pais, ouvindo o tumulto, correram para ver o que havia acontecido. Mas o que poderiam fazer?

Então, por uma inspiração divina, João teve uma ideia: imediatamente invocou a Santíssima Virgem de Halles e fez o voto de ir com sua filha até lá e prestar-lhe uma piedosa homenagem, caso a menina recuperasse a visão.

Ó bondade, ó poder divino! Sem qualquer outro tratamento, a menina ficou curada instantaneamente. E então, junto com seus pais e vizinhos (que testemunharam o ocorrido), viajou até Halles para agradecer o milagre.

CAPÍTULO XXVII

Um nobre é salvo da morte no mar e vai a Halles em agradecimento.

Havia um nobre da terra da Baviera, nascido em Munique, que, movido pela fé, viajou à Judeia para visitar os lugares onde nosso Salvador caminhou e que foram banhados por seu sangue sagrado.

Ele chegou ao seu destino e estava retornando, mas, no caminho, enquanto navegava pelo mar Jônio, uma doença terrível o acometeu, levando-o às últimas fronteiras da morte. A tripulação do navio, gente rude e pouco inclinada a cuidar de doentes e inválidos, o lançou no fundo da embarcação, num canto qualquer.

Ali, sua enfermidade se agravou ainda mais, e já estava prestes a ser lançado ao mar, como alimento para os peixes e feras marinhas.

Outro nobre, vindo de nossa Bélgica e que também viajava no mesmo navio, percebeu o que acontecia e se compadeceu. Aproximou-se do homem, que já mal conseguia falar e quase não tinha mais consciência. Mesmo assim, tentou confortá-lo com palavras de esperança e, entre outras coisas, disse-lhe:

"Venera a Santíssima Virgem de Halles, tão generosa em benefícios, que é quase um refúgio público para os desamparados. Recorre a ela, e ainda que tua língua esteja muda e tua voz falhe, que teu coração clame por socorro. Confia que receberás auxílio imediato e tua salvação."

O doente compreendeu e aceitou suas palavras. Até aquele momento, jamais ouvira falar do patrocínio dessa Santa, mas do mais profundo de seu coração, ergueu suspiros e preces a ela.

Então, no mesmo instante, teve uma visão: viu sobre o navio um grupo de espíritos malignos, diversos e misturados, voando em círculos. Ao mesmo tempo, diante dele, surgiu uma augusta figura feminina, segurando uma criança nos braços e portando na outra mão uma vela acesa.

Assim que essa visão apareceu, os espíritos malignos desapareceram. O homem, adorando aquela presença, pediu-lhe paz e misericórdia, e imediatamente sentiu suas forças voltarem, sua fala ser restaurada e sua saúde recuperada.

Ele se alegrou imensamente, enquanto os outros se admiravam de tão súbita mudança.

Quando enfim chegou à sua terra natal, nada lhe pareceu mais urgente do que ir até sua Salvador. E fez isso com um gesto de grande devoção: percorreu todo o caminho — quase toda a largura da Alemanha — descalço, acompanhado apenas por seu servo. E, ao retornar, repetiu a viagem na mesma condição.

Eis um coração verdadeiramente religioso na Baviera! E ainda hoje não faltam devotos fiéis e puros a essa Santa, guiados pelos Príncipes que servem de sustentação e exemplo dessa piedade ancestral.

CAPÍTULO XXVIII

Um cocheiro cai sob a carroça e, contra toda expectativa, se levanta ileso.

Na Galícia Brabante, havia um cocheiro que costumava transportar mercadorias por um preço, utilizando uma carroça de duas rodas, que chamamos de *Garrum*.

Aconteceu que, ao conduzir sua carga, chegou ao vilarejo de **Léau**, onde precisava atravessar um rio por uma ponte. Porém, quando estava exatamente no meio da travessia, por infortúnio, a carroça virou e caiu na água abaixo.

Para piorar ainda mais, o cocheiro, que tentou se segurar, acabou sendo lançado para debaixo da carroça. Assim, ele, o cavalo e o veículo ficaram submersos.

Mas, por desígnio de Deus, uma jovem viu o que acontecera e começou a gritar por socorro, chamando os vizinhos. No entanto, houve um certo atraso até que os moradores chegassem ao local e pudessem agir para resgatá-lo.

Por fim, o magistrado e outros moradores chegaram, e a primeira coisa que fizeram foi levantar a carroça. Para sua total surpresa, encontraram o cocheiro debaixo dela e o ergueram.

Não tinham dúvidas de que ele estava morto, sufocado tanto pela água quanto pelo peso da carga. Ainda assim, levaram-no à casa do magistrado, que ficava a uma certa distância, e lá despiram suas roupas, mas ele não dava sinal de vida.

Nenhum movimento, nenhum suspiro, nenhuma respiração.

Então, um ou dois homens da multidão, tomados por piedosa compaixão, ofereceram-no à Virgem Santa e fizeram votos por ele.

A prece alheia tocou o coração divino e, de imediato, o cocheiro recobrou os sentidos, sem qualquer sinal de mal-estar ou sequela.

Levantou-se, observando os que o observavam.

Após um breve descanso, retomou sua carroça e seguiu viagem. Mas, agora livre do peso da mercadoria, também libertou sua alma por meio da fé e dirigiu-se até o santuário da Santa para saudá-la e agradecê-la pelo milagre recebido.

Capítulo XXIX

A proteção de uma certa Virgem sobre um soldado em batalha

O **Conde de Saint-Paul**, um nome nobre e conhecido tanto na França como em nossa Gália, viveu durante tempos de guerra entre franceses e ingleses. Nessa época de conflitos, a discórdia corroía as partes mais prósperas do reino como uma gangrena.

Certa vez, o conde foi enviado à fortaleza de **Cartel**, na Picardia, com destino ao Delfim, que estava em **Compiègne**. Na manhã de sábado, ele mandou seu mordomo, o cozinheiro e o intendente à frente, para que preparassem tudo na hospedaria de Compiègne.

Contudo, ao avançarem um pouco, esses homens avistaram cerca de **60 a 70 inimigos** pilhando o campo e roubando gado. Aterrorizados, voltaram correndo para avisar o conde, gritando "Inimigos! Às armas!"

O conde, um homem corajoso e experiente, convocou seus servos e os exortou a pegarem suas armas e montarem seus cavalos, seguindo-o em nome da lealdade e do amor.

Entre os que o acompanharam estava **João, o Germano**, um de seus criados mais fiéis. Este, no entanto, por conta da pressa, estava apenas parcialmente armado.

Logo, o número de inimigos aumentou, chegando a quase **500 soldados**, enquanto o conde e seus homens mal eram **80**, e ainda estavam mal equipados.

João percebeu que a situação era crítica e tentou convencer o conde a recuar, mas ele não cedeu e partiu para a luta.

O primeiro a cair foi João, atingido por duas flechas que atravessaram seu braço. Quando virou-se para alertar o conde mais uma vez, uma terceira flecha atravessou seu pescoço. Mesmo assim, antes de cair do cavalo, **ele ainda teve forças para dizer**:

"Senhor, confie na Virgem Maria, pois quanto a mim, minha sorte já está selada."

O conde e alguns outros conseguiram fugir para uma cidade próxima. Ele ficou profundamente abalado, pois acreditava ter perdido um servo tão leal.

Mas Deus e a Virgem Maria não o abandonaram.

Enquanto jazia entre os corpos e cavalos caídos, João ainda mantinha em sua mente e em seus lábios o nome da **Virgem de Halle**, implorando-lhe auxílio naquele momento de aflição.

E ele foi ouvido.

Com esforço, conseguiu se arrastar para a estrada mais próxima.

Entretanto, **novos problemas surgiram**.

Três inimigos passaram por ali, saqueando tudo o que encontravam. Ao vê-lo, tomaram seu dinheiro, anéis e roupas. Depois, um deles **levantou a espada e golpeou-lhe a cabeça**, mas João continuava vivo, invocando o nome de Maria e de sua padroeira **Santa Bárbara**, suplicando que pudesse ao menos confessar-se antes da morte.

A súplica tocou os corações endurecidos dos saqueadores, que permitiram que ele se confessasse.

Por acaso, um padre passava pela estrada naquele momento. Os homens o chamaram e levaram-no até João. Após a confissão, decidiram **finalmente matá-lo**.

Um dos soldados cravou sua espada no pescoço de João, mas **a lâmina milagrosamente desviou**, apenas rasgando sua túnica.

Diante disso, os saqueadores decidiram livrar-se dele de uma vez por todas, jogando-o no rio. **Ao atirá-lo na correnteza, arrastaram-no brutalmente pelas águas, deixando marcas de sangue.**

Foi então que **a Virgem apareceu diante dele**, prometendo auxílio e instruindo-o a fingir-se de morto.

João obedeceu.

Seus algozes, crendo que ele já estivesse morto, jogaram-no numa pequena ilha lamacenta no meio do rio. Ali, com **nove feridas profundas**, ele permaneceu por três horas, sem conseguir se mover.

O padre que o havia confessado, sentindo compaixão, decidiu voltar para procurá-lo. Seguindo o rastro de sangue até o rio, **teve certeza de que João estava morto**. Mas, ao olhar mais atentamente, avistou algo na lama da ilha.

Sem saber se era um homem ou uma visão, **fez o sinal da cruz e gritou:**

"Se és um homem e um cristão, dá-me um sinal!"

João **levantou a mão**.

O padre, então, entrou na água até o pescoço e conseguiu alcançá-lo. **Carregou-o até a margem e foi buscar ajuda na cidade próxima.**

Com o auxílio dos moradores, João foi levado para um local seguro, onde recebeu tratamento.

Algumas semanas depois, totalmente recuperado, **foi a Halle para proclamar o milagre**, testemunhando diante de todos como a **Virgem Maria** o salvara de uma morte certa.

Capítulo XXX

Um nobre é libertado da prisão e conduzido a Halle

Havia um nobre chamado **Dimitrius Clement**, descendente de uma ilustre linhagem da **Borgonha**, mas que não seguia as tradições familiares. Ele morava na cidade de **Dijon** e levava a vida de um soldado.

No entanto, sua sorte na guerra não foi favorável. Foi capturado pelos franceses e levado como prisioneiro para uma torre na fronteira da **Lorena**.

Essa torre era extremamente alta, com **oitenta côvados (cerca de 40 metros) de altura**. Seus captores exigiram um **resgate de 500 marcos de prata**, um valor altíssimo para sua condição financeira.

Arrasado e sem esperanças, caiu em profunda tristeza, o que afetou até sua saúde.

Certo dia, ao meio-dia, trouxeram-lhe comida, mas ele não comeu. Em vez disso, **caiu em um sono profundo que durou até o meio-dia do dia seguinte**. Só acordou porque seu carcereiro o sacudiu para insistir que comesse, mas **ele recusou novamente**, pois sua mente estava fixada em um sonho que tivera.

O sonho de libertação

No sonho, **ele se via em Halle, deitado nos degraus da capela da Virgem Maria**, rezando diante de sua imagem. A Virgem o **consolava e lhe dizia que em breve seria libertado**.

Ao despertar, Dimitrius ainda estava impactado pela visão. Quando o carcereiro saiu, **ele caiu de joelhos e suplicou à Virgem que tornasse esse sonho realidade**.

A esperança preencheu seu coração, e então **pegou um pedaço de osso de boi** que estava entre os restos da comida e, de maneira incrível, **usou-o como uma lima para serrar suas correntes de ferro**.

E funcionou!

Primeiro **rompeu os grilhões do pescoço**, depois **as algemas dos braços e os ferros dos pés**.

Agora **livre de todas as correntes**, improvisou uma corda com pedaços de pano de suas vestes e desceu pela janela da torre.

Mas havia um problema: **a torre era altíssima**, e a corda não era longa o suficiente.

O segundo milagre

Mesmo assim, confiando na ajuda divina, **ele se soltou e saltou no vazio**.

E **sobreviveu à queda sem nenhum ferimento!**

Então, fugiu para uma floresta próxima e, temendo ser recapturado, **permaneceu escondido por três dias**, sem comida ou roupas adequadas. Durante a noite, caminhava sem rumo, tentando escapar.

Mas a **Virgem Maria o protegeu** e o guiou em segurança até Halle.

Chegando lá, estava **totalmente nu e coberto de sujeira**, mas finalmente **livre**.

Capítulo XXXI

Um soldado luxemburguês é salvo da força após invocar a Virgem Maria

Houve uma **revolta militar** na cidade de **Weerdt**, na Bélgica, cerca de dois anos antes. A revolta envolveu **quatro a cinco mil soldados**, além de **criadas, servos e um bando desordeiro de mulheres**.

Apesar de terem se rebelado contra seus superiores, os insurgentes perceberam que não poderiam continuar sem **algum tipo de ordem**. Assim, estabeleceram leis para regular o comércio de suprimentos. Entre as regras, **proibiram saques** e determinaram que ninguém poderia levar comida sem pagar o devido valor.

A pena para quem violasse essa regra? **A morte.**

A falsa acusação

Um soldado de **Luxemburgo**, chamado **Joannes**, estava no mercado da cidade de **Halle**, tentando **comprar trigo e pagar honestamente**. Mas, no meio da confusão, **foi agarrado pela multidão e acusado injustamente de tentar roubar**.

Um **trompetista**, motivado pela recompensa de **25 moedas de ouro**, **o denunciou ao comandante rebelde**.

O líder convocou a tropa e perguntou o que fazer. **Todos responderam que a lei devia ser cumprida e que Joannes deveria morrer.**

A tentativa de execução

Uma **forca foi erguida imediatamente**. Dois sacerdotes foram chamados para que Joannes confessasse seus pecados antes da execução.

Ele tentou se defender, dizendo que **era inocente**, mas **ninguém o ouviu**.

Então, sem mais opções, **ergueu os olhos aos céus e fez uma prece**:

> **"Ó Virgem Maria, que és venerada na cidade de Halle, defende-me, pois sou inocente!"**

Após dizer isso, sentiu uma **certeza absoluta de que seria salvo**.

Mesmo assim, o carrasco continuou com a execução: **Joannes foi enforcado**.

Mas algo extraordinário aconteceu:

- A **primeira corda** quebrou.
- O carrasco usou **uma segunda corda**, que também ameaçava se partir.

O povo **viu aquilo como um milagre** e começou a gritar para libertá-lo.

A libertação milagrosa

Porém, o carrasco **insistiu em continuar a execução** e apertou ainda mais a corda.

Foi só quando um **soldado da tropa subiu e cortou a corda com sua espada** que **Joannes finalmente caiu no chão, livre e salvo**.

Reconhecendo o milagre, **ele foi imediatamente a Halle para agradecer à Virgem Maria e cumprir sua promessa de devoção**.

CAPÍTULO XXXII

Uma religiosa é libertada de uma doença grave pela Santíssima Virgem

No ano **1631**, **Hadriana Terrestra**, filha de **Laurent Celoti**, cavaleiro, tendo professado a vida religiosa no convento de **Vorst**, que está situado a cerca de uma légua de **Bruxelas**, na estrada que leva a **Halle**, já completava o seu **vigésimo segundo ano de vida**, gozando de **boa idade e boa saúde**.

Até que um **espasmo ou convulsão — uma doença grave e detestável para os médicos — lhe atacou o braço direito**.

Esse mal a **afligiu tão severamente** que ela passou a **não ter mais descanso, de dia ou de noite, sem qualquer sono**.

Nenhuma medicina ou cirurgia — **das muitas que foram tentadas** — pôde ajudá-la.

O que faz a **virgem** então?
Ela **olha para outra Virgem**:
Desprezando os remédios humanos, **volta sua alma, esperança e preces para Ela**.

Ela vai, então, até sua **superiora**, a quem chamamos de **abadessa**, e pede:

> **"Já que, devido ao meu voto religioso, não posso sair dos limites do convento, desejo que alguém vá em meu lugar até a Bem-Aventurada Virgem de Halle, para pedir minha cura e interceder por mim."**

Pediu que, **já que não podia escrever devido ao estado de seu corpo**, a pessoa que fosse **fizesse o pedido e o apresentasse**, e que a **graça lhe fosse concedida**.

A **abadessa concedeu seu pedido com alegria** e enviou alguém **para oferecer um presente e cuidar para que o augusto sacrifício fosse realizado com boa intenção e fé sincera**.

Ó coisa admirável, mas verdadeira!
No mesmo instante em que:

- **A oferenda foi entregue pela mulher**, e

- **O sacrifício foi oferecido pelo sacerdote**,

Hadriana, ainda **dentro do convento, entre suas companheiras religiosas**, sentiu como se seu **braço fosse segurado e pressionado por uma mão invisível**.

E **ao mesmo tempo**, todas as **convulsões, tremores e dores desapareceram completamente**.

E **desde aquele dia**, nunca mais teve **qualquer vestígio da doença**.

Ela foi, de fato, curada pela Santíssima Virgem!

CAPÍTULO XXXIII

Os milagres desta espécie, e em outros lugares, podem ser encontrados em inscrições recolhidas e dispostas em ordem de série.

Os relatos que possuímos pertencem a **um século, aproximadamente** (com exceção de dois), ou seja, **do ano 1400 ou pouco antes, até o ano 1500**, sem que atinjam plenamente esse período.

A partir de então, **até os nossos tempos, há quase um silêncio total**.

Mas isso se deve a um **esquecimento ou omissão daqueles que compilam os relatos**?

Eu penso que não. Talvez tenham **se cansado de escrever e recolher** os registros, **vendo que a glória da Virgem já estava suficientemente propagada e testemunhada**.

Pois os milagres **não cessaram**, como mostram diversos eventos ocorridos **há poucos anos**, que não foram registrados nos **atos oficiais**, mas foram **assinados em placas votivas ou pintados**, e que brevemente mencionarei aqui.

Ano 1535:
Nesse ano, quando o imperador **Carlos V** empreendeu uma expedição à **África**, tentando tomar a cidade de **Argel**, estava presente **João Presto**, acompanhado de sua esposa.

No retorno da expedição, sofreu **grave perigo de vida**, pois o **navio em que estava virou e afundou**.

Invocando a Virgem de Halle, testemunhou em uma placa que **escapou ileso**, sem dar mais detalhes.

Ano 1564:
Em **Madri**, uma jovem que seguia seus pais à **corte real**, e que era **natural de Halle**, caiu **de uma janela alta, de mais de quarenta pés de altura**.

Ela **invocou a Virgem com o coração**, e **com sua ajuda, levantou-se sem qualquer ferimento**.

A primeira coisa que disse ao se erguer foi:
"Ó Virgem, minha Mãe, tende piedade de mim!"

Já estava salva. Então, **o que mais pedir?**
Deveria **antes reconhecer o milagre do que fazer mais pedidos**.
Mas esse reconhecimento já era uma prece, pois **expressava em palavras o que havia prometido em seu coração**.

Ano 1571:
Afonso Guzmán, nobre espanhol, e seu filho, sofreram graves ferimentos:

- O pai recebeu **um golpe fatal na garganta**
- O filho, **um ferimento mortal na cabeça**

Foram **desenganados e abandonados pelos médicos**.

Voltaram-se então para a **Virgem de Halle** e **imediatamente sentiram alívio**.
Com grande **admiração de todos**, **ambas as feridas cicatrizaram em poucos dias**.

Ano 1591:
Um **nobre de Antuérpia** (cujas informações omitimos por respeito) foi acometido por um **pensamento sombrio e criminoso**, vencido por **um ímpeto de desespero, expulsou de si as rédeas da razão**.

De repente, voltou-se para a **Virgem e rezou com fervor**.

Sentiu **uma mudança milagrosa**:

- Seu **coração esfriou**, e
- **Aquele crime que antes amava, passou a detestar**.

Irritado com essa súbita mudança, **o espírito maligno que o assombrava** o levou a se jogar **de um local elevado, descendo por dezessete degraus**.

Ele **caiu, mas sem sofrer dano algum** no corpo ou nos membros.

Somente a **adaga que carregava** (o instrumento do crime) **se quebrou**.

Por gratidão, **dedicou à Virgem uma placa**, para que ficasse registrado **o testemunho desse milagre**.

Ano 1593:
Nicolau Brutta, oficial da cavalaria albanesa (descendentes dos guerreiros de Skanderbeg), servia ao **Duque de Mayenne** na França.

Em **uma vila próxima a Cambrai**, estava **sozinho** quando foi **cercado por 200 cavaleiros e 400 soldados de infantaria** do **Duque de Longueville** (que servia ao rei **Henrique IV**).

Era **uma luta desigual**, e sua **derrota era certa**.

Seu **cavalo foi abatido**, e ele foi capturado.

Ferido **mortalmente na cabeça**, com mais **vinte golpes espalhados pelo corpo**, estava **desacordado e dado como morto**.

Mas **tendo invocado a Virgem**, sobreviveu contra todas as expectativas.

Logo depois, viajou **até Halle** para agradecer pessoalmente, deixando **uma placa como prova do milagre**.

Ano 1595:
Antônio Chambrim, inglês e oficial no exército de **Stanley**, foi à região de **Spa**, na Bélgica, para visitar suas famosas fontes medicinais.

Por acaso, **300 cavaleiros holandeses chegaram de surpresa**, atacando e capturando muitos soldados.

Ele, entretanto, **permanecia no meio deles, ileso e intocado**.

(Deveríamos dizer **invisível**?)

Somente a **proteção da Virgem**, a quem havia **se consagrado**, o **velava e o tirou do meio dos inimigos**.

Ele **testemunhou esse fato em uma placa escrita**.

Ano 1597:
Estêvão Robino, natural de **Mons**, viajou por negócios até **Portugal**.

Sua ida foi **bem-sucedida**, mas **no retorno, enfrentou uma grande tempestade**.

O navio **se despedaçou no meio do mar**, e **quase todos os passageiros morreram afogados**.

Ele, confiando **na Virgem**, segurou-se **em uma tábua** e, **seguindo a luz da Virgem** em meio à escuridão das ondas, **chegou à terra firme e salvou sua vida**.

Ele dedicou **uma placa votiva**, escrevendo nela:
"Deus é verdadeiramente maravilhoso em Seus santos."

Ano 1602:
Gerion Parmentier, nobre e soldado, estava na **guarnição do castelo de Tournai**, sob o comando do **Conde de Solre**.

Numa noite de fevereiro, **caiu acidentalmente no rio Escalda**, um rio **grande e de correnteza forte**, próximo ao castelo.

No instante da queda, **clamou pela Virgem de Halle** e fez um voto.

Imediatamente, sentiu **como se uma mão invisível o segurasse e o conduzisse até a margem do rio**.

Ali, **agarrou-se a um galho de salgueiro** até que **um barco veio resgatá-lo**.

Todos os **guardas do castelo** que testemunharam o ocorrido confirmaram o milagre.

Ano 1603:
A esposa de **Nicolau Lingij** foi acometida por uma **doença grave**, abandonada pelos médicos e deixada **à beira da morte**.

Ela ficou **dez horas sem sinais de vida**.

Seu marido, então, **fez um voto à Virgem de Halle**.

Logo **a esposa recobrou os sentidos** e, **em poucas horas, estava completamente curada**.

Ambos viajaram **até Halle**, onde dedicaram **um monumento em gratidão**.

Haveria **muitos outros relatos** a contar, mas:

- **Ou seriam apenas repetições dos anteriores**, ou
- **Casos obscuros, sem detalhes claros sobre locais, tempos e pessoas**.

Muitas inscrições, mastros de navios quebrados, figuras humanas e cenas pintadas indicam que **milagres aconteceram**, mas **não podemos confiar em meras suposições** ao tratar de coisas sagradas.

Por isso, **nos abstemos de relatar mais**.

Mas não são esses relatos **suficientes** para provar a **bondade e o poder da Virgem**?

E também para **despertar a piedade e a fé na alma de quem os lê**?

Capítulo XXXIV

A Sodalicidade da Bem-Aventurada Virgem e os nomes de alguns Príncipes inscritos: algo sobre a Solene Procissão.

Além dos habitantes de Halle, que sempre se distinguiram no culto e veneração desta Santa Virgem, também muitos outros, inclusive os mais ilustres da Europa em dignidade e poder, foram devotos dela. Houve, desde tempos antigos, uma Sodalicidade (Confraria) instituída pelo Pontífice, cujo registro ainda é preservado, contendo os nomes daqueles que nela se inscreveram. São muitos, de ambos os sexos, mas geralmente mencionados por seus títulos e não pelos nomes próprios.

Atualmente, são encontrados registrados:

- O **Imperador**, com sua esposa e filhos.
- O **Rei da Inglaterra**, com sua esposa e filhos – e é possível supor que se tratasse de **Maximiliano da Áustria** e **Henrique VIII**, rei da Inglaterra, amigo deste imperador.
- O **Duque de Brabante**, **Lotharingia** e **Limburgo**, com sua esposa e filhos.
- O **Duque da Gueldres e Zutphen**.
- O **Conde Guilherme, o Velho**, de **Hainaut**, com sua esposa.
- Outro **Conde Guilherme**, de **Hainaut, Holanda e Zelândia**, com esposa e filhos.
- **Alberto, Conde Palatino do Reno, Duque da Baviera, Conde de Hainaut, Holanda e Frísia**, com esposa e filhos.
- **Luís, Conde da Flandres**, e sua esposa **Margarida**.
- **Frederico, Duque da Baviera**.
- **Teodorico, Conde de Los**.
- **Guilherme da Flandres**, Conde de **Namur** e **Béthune**, com sua esposa **Joana**.

Muitos outros Príncipes, Bispos, Nobres e até mesmo plebeus são mencionados, mas não seria proveitoso ou necessário listar todos.

Além disso, há como que uma outra confraria formada pelos que visitam solenemente a Virgem no dia da **Grande Procissão** e lhe fazem oferendas públicas. Essa tradição deve ser explicada.

Há doze cidades e municípios que, anualmente, no primeiro domingo de setembro (dia solene e oficial), enviam representantes para Halle. Esses representantes incluem cidadãos e líderes locais, que são recebidos com hospitalidade pelos clérigos e magistrados de Halle. Eles fazem oferendas à Virgem, geralmente doando um **manto** para a estátua sagrada – sendo no total **doze mantos**. No entanto, como já há muitos mantos no santuário, eles costumam doar dinheiro para obras piedosas.

Durante a procissão, em que a estátua da Virgem é carregada pela cidade e arredores, esses representantes acompanham a imagem e, por ordem, ajudam a carregá-la, disputando com fervor essa honra sagrada.

As cidades participantes são: **Aat (Ath), Tournai, Bruxelas, Oudenaarde, Condé, Nivelles e Namur**.
Os municípios são: **Lembeek, Quaregnon, Cristinani, Braine, Boussu e Saintes**

Capítulo XXXV
Sobre os dons e oferendas feitos à Virgem de Halle

Agora me volto para aqueles que demonstraram sua devoção por meio de presentes e oferendas. E, embora o número aqui também seja grande (como vi no inventário do templo), sou impedido de relatar tudo isso por duas razões.

Primeiramente, porque nem todos os dons estão registrados, na verdade apenas uma pequena parte aparece. Pois, no passado e especialmente agora, nesta época de extrema escassez, muitos desses presentes foram vendidos por decisão e consenso, para custear as necessidades do culto religioso.

Em segundo lugar, por causa da negligência dos escribas encarregados dos registros, que anotam os dons e os penduram no templo, mas omitem os nomes dos doadores, contentando-se apenas em registrar os títulos. Assim, leio que o Duque de Brabante ofereceu um códice, o Senescal de Hainaut deu uma estátua de prata de um soldado armado, e um crucifixo em madeira com figuras ricamente adornadas. O Delfim da França doou um grande falcão de prata dourada. Além disso, há uma estátua de prata representando uma mulher com vestes femininas, adornada com os brasões da Baviera. Também há uma estátua de prata com uma coroa sobre os cabelos soltos, representando a própria Virgem Maria, doada pelo Marechal Montmorency.

Leio sobre muitos outros dons semelhantes, mas para que mencioná-los se os doadores e suas intenções são incertos? Prefiro relatar apenas aqueles que foram oferecidos por nossos príncipes e dinastias, começando por aquele que unificou os Países Baixos em um só corpo político. Esse foi **Filipe o Bom**, um duque muito devoto! Os monumentos que ele deixou são prova de sua devoção.

O primeiro é uma grande estátua da própria Virgem, colocada no centro do altar, feita de ouro puro. Ela segura o Filho em um braço e, com o outro, um lírio dourado. No peito, há um colar com seis pérolas grandes e puras, e no centro delas, um carbúnculo ou pedra pirope, que chamamos de rubi. Na cabeça, traz uma coroa de ouro puro.

Sobre o mesmo altar, há doze apóstolos de prata, bem trabalhados, que ainda podem ser vistos lá. Além disso, ao lado do altar, há duas figuras representando gênios ou anjos, também de prata, segurando candelabros e prestando veneração à Virgem. Acima dessas figuras, há duas estátuas militares: uma representando um soldado de infantaria e a outra um cavaleiro a cavalo. É evidente que, por meio delas, o príncipe quis consagrar à Virgem os seus exércitos. Ambas são feitas de prata, mas também havia duas versões dessas estátuas feitas inteiramente de ouro, representando os mesmos soldados, um segurando um machado e o outro uma lança.

O mesmo Filipe doou uma lâmpada de ouro como presente notável, mas em tempos de necessidade pública, foi substituída por uma dourada. Havia também uma estátua de grande porte, metade de prata, que foi um presente de sua esposa. Além disso, há um vitral

no mesmo santuário, ricamente pintado, feito sob sua ordem e doação. Por fim, há um quadro no qual o duque está retratado ajoelhado em atitude suplicante diante da Virgem, acompanhado por alguns versos em francês, mais piedosos do que poéticos, em louvor a ela. O quadro está datado de 20 de março de 1455.

E, de fato, caro leitor, vê-se claramente como ele honrou esta santa, nem sem recompensa. Pois foi ela que o exaltou e ajudou a unir as províncias dos Países Baixos, antes separadas, sob o governo de seu filho.

Seu filho **Carlos, o Audaz**, seguiu seus passos—e quem dera que não fosse tão audaz! Seu presente registrado aqui foi um falcão de prata, e nada mais.

Seu sucessor foi **Maximiliano**, que transferiu toda essa potência para a casa da Áustria por meio de seu casamento com Maria da Borgonha, filha de Carlos. Ele foi um príncipe digno dessa fortuna e até de maior, pois em virtudes e grandeza de espírito, bem como em generosidade, pode ser comparado aos melhores. O que dizer de sua erudição e sabedoria? No estudo, quase ninguém de seu tempo cultivou mais o conhecimento das letras e da memória dos antigos, nem honrou mais aqueles que as conheciam.

Quanto à sua sabedoria, um único ato, mas excepcional, pode ilustrá-la: dois anos antes de sua morte—quando ainda estava em boa idade e saúde—mandou fazer um caixão de chumbo e uma tábua de madeira funerária, carregando-os consigo por onde quer que fosse e sempre os deixando em seu quarto. Os olhos ignorantes pensavam que fosse um tesouro, e de fato era, mas um tesouro de filosofia, pois os antigos já diziam que "a meditação sobre a morte" é o maior ensinamento filosófico.

Mas não me estenderei sobre os louvores desse príncipe; basta lembrar de sua piedade, que foi o guia de todas as suas virtudes. Ele tinha uma devoção especial por esta Virgem, e o próprio testemunho disso está diante de nós.

Pode-se vê-lo ajoelhado no lado direito da capela, em uma plataforma um pouco elevada, usando armadura e trajes militares. Atrás dele, ajoelhado da mesma forma e também armado, está Alberto, Duque da Saxônia, que prestou grande serviço em nossas guerras, tanto a Maximiliano quanto a seu filho Filipe. Sua identidade é confirmada pelos brasões de sua família.

Há ainda uma terceira figura, um pouco atrás dos dois, ajoelhada da mesma forma. Pelos brasões, parece pertencer à família de Melun, e possivelmente é Roberto de Melun, que esteve envolvido em diversos conselhos e assuntos políticos.

Os dons de Maximiliano foram um cálice com patena dourada, com o brasão da Áustria e a coroa arquiducal esculpidos nele, o que mostra que foi dado quando ele ainda era apenas arquiduque.

Também há uma estátua de prata de cerca de dois pés de altura, representando Maximiliano com uma mitra na cabeça, segurando uma cruz em uma mão e, na outra, uma espada com duas chaves penduradas nela. Diz-se que, por meio dessas chaves, os cidadãos de Bruxelas, que antes pertenciam a outra facção, foram reconciliados e submetidos à sua autoridade.

Há ainda uma árvore ou arbusto de rosas feito de ouro puro, de cerca de dois pés de altura, com vários ramos e flores, que o papa deu a Maximiliano, e que ele então dedicou à Virgem de Halle.

Não é isso um sinal ou um voto? Como se ele desejasse que, com a ajuda da Virgem, os Países Baixos, dilacerados por tantas guerras, pudessem florescer suavemente sob um novo império e sob a paz.

E de fato, a ajuda da Virgem foi muitas vezes sentida, como no ano de 1489, quando a cidade de Arras foi recuperada dos franceses e devolvida ao seu domínio. Os cidadãos, incapazes de resistir à força, recorreram à astúcia, mas temendo que o plano falhasse, dirigiram suas preces à Virgem e fizeram um voto: se fossem bem-sucedidos, iriam descalços até sua igreja em Halle e ofereceriam tábuas de ferro e cera como monumento da libertação. Além disso, dariam esmolas aos pobres e viveriam apenas de pão e água até cumprirem seu voto.

O resultado foi que a cidade e seus cidadãos foram restaurados ao seu legítimo príncipe, e seus votos foram cumpridos

Capítulo XXVI
Consideração e Devoção à Virgem de Halle

A devoção e as oferendas à Virgem são numerosas e variadas, tanto no passado quanto no presente. Mas por que mencioná-las todas? Não buscamos competir em pompa ou riqueza, e os doadores facilmente perdoarão o silêncio, pois a recompensa já lhes está garantida nos lugares celestiais e eternos, uma vez concedida, nunca se perde.

Essas coisas podem permanecer ocultas sem prejuízo para nós, mas nunca tua benignidade, ó Divina Senhora, cuja força e poder são incomparáveis. Tu és a **Rainha do Céu, da Terra e do Mar**, acima de quem nada existe senão Deus. Tu és a **Lua**, que está mais próxima do Sol ausente. A ti dirijo minhas preces e invocações, tanto em público quanto em privado.

Olha por nós e protege-nos. Vês que, há quase quarenta anos, somos dilacerados pelas tempestades das guerras civis. Apazigua esse mar revolto, ó Maria, e reconduz aqueles que foram separados de nós à antiga aliança, ao amor e à fé.

Em particular, corrige e eleva também a nós mesmos, que estamos quebrantados por nossos vícios e prazeres. Guia-nos de volta à virtude e fortalece-nos, tornando-nos dignos de sermos teus servos e habitantes do reino que nos foi concedido.

Tudo isso, ó **Bondosa Senhora**, tu queres e podes realizar, pois és grande e admirável para sempre.

Terminei. E a mim mesmo, assim como tudo que minha mente e minha escrita produziram, te entrego, te dedico, te consagro. Há dois anos, fiz isso de coração, quando suspendi uma **pena de prata** em teu templo, diante de teu altar, acompanhada destes versos:

"Esta pena, ó divina Senhora, entre os perigos da vida,
Que me faz voar pelo éter e pelos ventos,

Que me faz viajar pela terra e pelo mar,
Sempre trabalhou pela ciência, prudência e sabedoria.

Com ela descrevi e julguei a constância,
Com ela narrei os feitos civis, militares e de guerra,
Com ela exaltei a grandeza de Roma,
E escrevi sobre o que os antigos conceberam e deixaram.

Agora, esta pena te ofereço,
Ó Virgem de Halle."

AO LEITOR

Pareceu apropriado, caro leitor, acrescentar ao final deste escrito algumas aprovações de pontífices, testemunhos e indulgências, que confirmam a santidade deste lugar e convidam à sua veneração.

Na verdade, existem muitos desses documentos antigos, desde o próprio ano de Nosso Senhor **318 d.C.**, emitidos por bispos, cardeais, legados e até pelo próprio Sumo Pontífice.

No entanto, dois testemunhos serão suficientes para ti: um de **Nicolau V** e outro de **Clemente VIII**, ambos pontífices verdadeiramente supremos. O primeiro declara o seguinte...

NICOLAU, BISPO,
SERVO DOS SERVOS DE DEUS,

A todos os fiéis de Cristo que receberem esta carta, saudação e bênção apostólica.

Consideramos com devoção a excelsa dignidade da Mãe de Deus, a gloriosa Virgem, Rainha do Céu e Senhora dos Reis, exaltada acima das estrelas da manhã, cheia de esplendor celestial. Contemplamos com reverência o amor e a misericórdia maternais com os quais ela consola toda a humanidade, intercedendo junto ao Rei Supremo pela salvação dos fiéis e pelo perdão dos pecadores.

Por essa razão, julgamos justo e devido que os lugares dedicados ao seu nome e culto sejam dignamente honrados e engrandecidos com indulgências, favores espirituais e benefícios.

Assim, conforme nos informaram pessoas de confiança, especialmente o venerável Mestre Nicolau Plonchet, pessoa instruída e devota, responsável pela Igreja de São Martinho na cidade de Halle, da diocese de Cambrai, soubemos que há uma **capela honrada com o título e a devoção à Bem-Aventurada Virgem Maria**, onde, diariamente, missas e orações são celebradas com grande piedade e solenidade.

Esta capela atrai uma multidão numerosa de fiéis vindos de diversas partes do mundo, movidos pela devoção ao local e pelos milagres frequentemente manifestados pela Mãe de Deus naquele santuário. Sua fama é tão antiga que sua origem se perde na memória dos tempos, e sua fundação foi realizada com solenidade e dotada de bens em honra da Santíssima Virgem Maria.

Todos os anos, no primeiro domingo de setembro, a imagem da Virgem Maria é levada em procissão solene pelas ruas, acompanhada por grande multidão vinda de cidades e vilarejos vizinhos, incluindo autoridades, magistrados e cidadãos de diferentes localidades, que trazem consigo valiosas oferendas em sinal de veneração.

Os fiéis oferecem generosas doações para a manutenção da capela e para as necessidades da igreja, sendo essas contribuições administradas com prudência por homens honestos e designados pela comunidade local.

Portanto, desejando que esta capela seja cada vez mais honrada e que os fiéis de Cristo se sintam encorajados a participar desta piedosa celebração, concedemos, com a autoridade dos santos apóstolos Pedro e Paulo, a todos os fiéis verdadeiramente arrependidos e confessados que participarem da procissão ou visitarem a capela e contribuírem para sua manutenção, uma **indulgência de sete anos e sete quarentenas (isto é, períodos de quarenta dias de penitência) das penas impostas por seus pecados**.

Queremos, porém, que se em algum momento forem concedidas outras indulgências perpétuas ou temporárias para os mesmos fiéis e para o mesmo lugar, estas presentes letras não tenham mais validade ou efeito.

Dado em Roma, junto à Basílica de São Pedro, no ano da Encarnação do Senhor de **1451**, no dia 4 de setembro, no quinto ano de nosso pontificado.

Petrus de Noxeto

CLEMENTE VIII, PAPA

A todos os fiéis de Cristo que receberem esta carta, saudação e bênção apostólica.

Com o objetivo de aumentar a religiosidade dos fiéis e promover a salvação das almas, nós, administradores atentos aos tesouros espirituais da Igreja, **concedemos indulgência plenária** a todos os fiéis de ambos os sexos que, estando verdadeiramente arrependidos, confessados e tendo recebido a Sagrada Comunhão, visitarem devotamente a **Igreja Paroquial da Bem-Aventurada Virgem Maria em Halle, na Diocese de Cambrai**, nas seguintes festas:

- **Imaculada Conceição**,
- **Natividade da Virgem Maria**,
- **Apresentação de Maria**,
- **Anunciação**,
- **Visitação**,

- **Purificação** e
- **Assunção** da Bem-Aventurada Virgem Maria,
- **Festa de Nossa Senhora das Neves**,
- **No primeiro domingo de setembro**, quando a imagem da Bem-Aventurada Virgem Maria é levada em procissão.

Além disso, a mesma indulgência é concedida **durante toda a oitava** desse domingo, tempo em que muitos peregrinos de diversas regiões visitam essa igreja.

Aos que, nesses dias, visitarem devotamente o santuário, rezarem a Deus pela **paz entre os cristãos, pela extirpação das heresias e pela exaltação da Santa Igreja**, concedemos **perdão misericordioso e plena remissão de todos os seus pecados**.

Esta indulgência será válida **por vinte anos**, mas não poderá ser concedida no Ano Jubilar, conforme estabelecido pelas normas da Igreja.

Dado em Roma, junto à Basílica de São Pedro, **sob o selo do Pescador**, no dia **5 de novembro de 1599**, no décimo ano de nosso pontificado.

M. Vestrius Barbianus

GUILHERME DE BERGUES

Por graça de Deus e da Sé Apostólica, Arcebispo e Duque de Cambrai

Certificamos que os milagres atribuídos à Bem-Aventurada Virgem Maria na Igreja Paroquial da cidade de Halle, em nossa diocese de Cambrai, são confirmados por múltiplos testemunhos e pela graça divina. Esses milagres foram cuidadosamente coletados e descritos **por Justus Lipsius**, renomado historiador e erudito belga, e julgamos que são dignos de aprovação.

Assim, aprovamos este relato e o autenticamos **com nosso selo e assinatura**.
Dado em nossa Arquidiocese de Cambrai, **4 de abril de 1604**.

Guilherme, Arcebispo de Cambrai
Valerianus Flossius, Vigário-Geral

APROVAÇÃO

Este pequeno livro não apenas será útil, mas também **promoverá a devoção** ao narrar milagres que exaltam a honra da Virgem Maria e inspiram o amor por Deus. Ele testemunha a bondade divina manifestada através da Virgem e dos santos. Como se lê nos **Atos dos Apóstolos**, Deus concede Sua graça **não apenas aos santos, mas também às suas imagens**.

Guillaume Fabricius de Rouen,
Censor Apostólico dos Livros

Dado em **1º de fevereiro de 1604**.

PRIVILÉGIO IMPERIAL

Rodolfo II, por graça divina, Imperador Romano e Rei da Alemanha, Hungria e Boêmia, concede **privilégio imperial** a Justus Lipsius, reconhecendo sua excelência em letras e sua contribuição à cultura e à história.

Proíbe-se qualquer pessoa de **imprimir, copiar ou vender** os livros de Lipsius sem sua permissão dentro do Sacro Império Romano e seus reinos hereditários **por um período de 30 anos** a partir da primeira edição de cada livro.

Caso essa proibição seja violada, os infratores sofrerão **confisco dos livros** e uma multa de **30 marcos de ouro puro**, sendo metade destinada ao Tesouro Imperial e a outra metade a Justus Lipsius e seus herdeiros.

Dado no **Castelo Real de Praga, em 1º de agosto de 1592**.

Assinado: RODOLFO II
Jacob Curtius, Secretário do Sacro Império

PRIVILÉGIO REAL

Filipe II, Rei da Espanha, confirma privilégio semelhante, proibindo qualquer um de imprimir os livros de Justus Lipsius **por 30 anos** sem sua autorização ou de seus herdeiros.

Infratores terão **os livros confiscados** e pagarão multa de **30 marcos de ouro puro**.

Dado em **Bruxelas, 4 de fevereiro de 1597**.

Assinado: Terreycken e João Moretus

AUTORIZAÇÃO DE JUSTUS LIPSIUS

Por amizade com **Plantin e sua família**, concedo exclusivamente a **Plantin** o direito de imprimir e divulgar meu livro sobre os milagres da Virgem Maria em Halle.

Ninguém mais está autorizado a fazê-lo, conforme os decretos do Imperador e do Rei.

Assinado: Justus Lipsius, em Antuérpia